

R
E
V
I
S
T
A

— DO —

INSTITUTO

HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO

— DE —

MATO GROSSO

TOMOS CXXXVII e CXXXVIII
ANO LXIV

1992

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Cuiabá — Mato Grosso

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

DIRETORIA

Presidente: - Luís Philippe Pereira Leite
1º Vice-Presidente: - Archimedes Pereira Lima
2º Vice-Presidente: - Virgílio Alves Corrêa Neto
1º Secretário: - Pedro Rocha Jucá
2º Secretário: - Vera Randazzo
Tesoureiro: - Nilza Pinto de Queiroz
Orador Oficial: - Paulo Pitaluga Costa e Silva

CONSELHO FISCAL

Membros: Lenine de Campos Póvoas
Raimundo Pombo Moreira da Cruz
Dunga Rodrigues

SEDE PRÓPRIA: CASA BARÃO DE MELGAÇO

Rua Barão de Melgaço, 3.869
(esquina da Travessa Voluntários da Pátria)
Cuiabá - Mato Grosso - CEP 78005-500

Escritura de doação do Governo do Estado, de 15 de abril de 1931, às fls. 96v a 97v, do livro 143, do Cartório do 2º Ofício de Cuiabá, e transcrito sob nº 2.102, fls. 199, livro 3-B, em 15/04/1931, no R.G.I. de Cuiabá. Estatutos registrados no Cartório do 1º Ofício, sob nº 14, em 24/04/1930.

Reconhecido de Utilidade Pública, pela lei Estadual nº 815, de 08/10/1930. Conta Bancária: BEMAT - 02.3708-B (agência da Rua 13 de Junho, em Cuiabá-MT).

1992

ÍNDICE

• O CENTENÁRIO DE JOSÉ DE MESQUITA - Clóvis de Mello	05
• O LEGADO DE JOSÉ DE MESQUITA - Antônio de Arruda	25
• ESCRITORES MATOGROSSENSES: JOSÉ DE MESQUITA - Almir Bodstein	31
• DISCURSO EM HOMENAGEM PELO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ DE MESQUITA - Benedito Pereira do Nascimento	34
• JOSÉ DE MESQUITA - O POETA - João Antônio Neto	40
• ESTILÍSTICA EM JOSÉ DE MESQUITA - UMA INTRODUÇÃO - Benedito Pedro Dorileo	46
• HOMENAGEM A JOSÉ DE MESQUITA - VeraRandazzo	55
Continua....	...

EDIÇÃO

EM HOMENAGEM A

JOSÉ DE MESQUITA

**O CENTENÁRIO DE JOSÉ DE MESQUITA,
FUNDADOR DA ACADEMIA
MATOGROSSENSE DE LETRAS**

Clóvis de Mello

I

A 10 de março de corrente ano de 1992, a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso comemoram o centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA, membro Fundador destas entidades culturais, as mais antigas do nosso Estado.

JOSÉ DE MESQUITA nasceu em Cuiabá, a 10 de março de 1892, filho de José Barnabé de Mesquita (Sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

Os dados colhidos no arquivo do pranteado Des. MESQUITA, por seu ilustre filho, Dr. Fernando de Mesquita, fornecem as seguintes informações:

1) - Dados Biográficos:

Nasceu a 10 de março de 1892, em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, filho de José Barnabé de Mesquita (Sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

Bacharel em Ciências e Letras, pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá (1907) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo (1913), tendo sido escolhido orador da turma.

Exerceu os cargos de Professor de Português da Escola Normal, Procurador Geral do Estado de Mato Grosso Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia, Professor da Faculdade de Direito de Cuiabá (Direito Constitucional) e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, que presidiu de 1930 a 1940, aposentando-se em 1945.

Após sua aposentadoria, dedicou-se à advocacia, tendo exercido, ainda, o cargo de Secretário Geral do Território Federal do Guaporé, hoje Rondônia, e Procurador Municipal da Prefeitura de Cuiabá.

Fundador da Academia Matogrossense de Letras, presidiu-a, ininterruptamente, desde sua fundação até o seu falecimento.

Representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia (1936); o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no congresso Histórico Nacional (1938) e a Academia Matogrossense de Letras, no 1º Congresso das Academias (1936).

Foi condecorado pelo Papa Pio XI, com a Comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica (1933) e foi condecorado, pelo Ministro da Guerra, com a Medalha do Pacificador, pelos serviços à Pátria (1960).

Faleceu no dia 22 de junho de 1961, em Cuiabá.

A respeito de seu falecimento, publicou o jornal 'O Estado de Mato Grosso', de 23 de junho de 1961, a seguinte nota:

“De luto a inteligência matogrossense pelo falecimento, ontem, do Desembargador José de Mesquita. O féretro sairá da Academia Matogrossense de Letras, onde está sendo velado”.

Por outro lado, o Tribunal de Justiça do Estado, pela Portaria nº 18/61, de 23 de junho de 1961, decretou luto oficial pela perda daquele que, durante 10 anos, exercera a Presidência do Egrégio Tribunal de Justiça.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Em homenagem póstuma aquele que muito fez por sua terra e sua gente, a Câmara Municipal de Cuiabá, pela Lei nº 600/61, de 08 de novembro de 1961, aprovou o projeto que dava a denominação de Rua Desembargador José de Mesquita à antiga Rua do Araés.

2) - Dados Bibliográficos

- Poesias - Cuiabá - 1919
- Elogio histórico ao Df. Antônio Corrêa da Costa - Cuiabá - 1921
- O Catolicismo e a Mulher - Cuiabá - 1921
- Elogio fúnebre do Dr. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque Cuiabá - 1926
- Terra do Berço (poesias) - Cuiabá - 1927
- A Cavallhada (contos) - Cuiabá - 1928
- Um Paladino do Nacionalismo (elogio) - Cuiabá - 1929
- Semeadoras do Futuro (discurso) - Cuiabá - 1930
- Epopéia Matogrossense (poesias) - Cuiabá - 1930
- O Taumaturgo do Sertão (biografia) - Niterói - 1931
- O atentado contra a Justiça (tese de direito) - Cuiabá - 1932
- Espelho de Almas (contos) - Premiado pela Academia Brasileira de Letras - Rio de Janeiro - 1932
- João Poupino Caldas (ensaio biográfico) - Cuiabá - 1934
- O Sentido da Literatura Matogrossense (conferência) - 1937 - Pela Boa Causa (conferência) - Niterói - 1937
- Piedade (romance) - Cuiabá - 1937
- Relatório da Administração da Justiça - Cuiabá - 1937
- Manoel Alves Ribeiro (biografia) - Cuiabá - 1938
- O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso (discurso) - Cuiabá 1939
- De Livia a Dona Carmo (mulheres na obra de Machado de Assis), (ensaio) Cuiabá - 1939
- Professoras Novas para um mundo novo (discurso paraninfal) - Campo Grande - 1940
- A Chapada Cuiabana (tese geográfica) - Cuiabá - 1940

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

- Nos Jardins de São João Bosco (discurso e conferências) - Cuiabá - 1941
- O Exército, fator de brasilidade (discurso) - Rio - 1941
- A Academia Matogrossense de Letras (notícia histórica) - Cuiabá - 1941
- Três Poemas da Saudade (poemas) - Cuiabá - 1943
- Bibliografia Matogrossense - Cuiabá - 1944
- Escada de Jacó (sonetos) - Cuiabá - 1945
- Roteiro da Felicidade (sonetos) - Cuiabá - 1946
- No Tempo da Cadeirinha (contos) - Cuiabá - 1946
- Os Poemas do Guaporé (poemas) - Cuiabá - 1949
- Imagem de Jaci (romance) - Cuiabá - 1948 (O presente romance não foi editado até o momento).

Além das obras acima mencionadas, colaborou em inúmeras revistas e jornais, tais como: a) O “Cruzeiro” de Cuiabá; b) O Onze de Agosto e a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo; c) Revista da Academia Matogrossense de Letras; d) Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso; e) Anais Forenses; f) Revista das Academias de Letras, do Rio de Janeiro; g) Aspectos e Cultura Política do Rio de Janeiro; h) Revista do Brasil, de São Paulo; i) Revista Nova, de São Paulo; j) Ilustração Brasileira, do Rio de Janeiro; l) O Malho, do Rio de Janeiro; m) Revista Civilização, de Campo Grande.

Jornais: O Povo, O Mato Grosso, Correio do Estado, Correio Matogrossense, O Democrata, A Cruz e O Estado de Mato Grosso, com as famosas crônicas “*Domingueiras*”.

3) - Sociedades a que pertenceu:

- 1) Clube Minerva - Cuiabá; 2) Grêmio Olavo Bilac; 3) Centro Onze de Agosto - São Paulo; 4) Instituto Histórico de Mato Grosso - Cuiabá; 5) Centro Matogrossense de Letras - Cuiabá; 6) Instituto do Ceará (Correspondente) - Fortaleza; 7) Sociedade “Rui Barbosa” (sócio benemérito) -

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Cuiabá; 8) Grêmio “Castro Alves” (Presidente honorário) - Cuiabá; 9) Academia Minerva de Letras (correspondente) - Belo Horizonte; 10) Academia Pedro II (correspondente) - Rio; 11) Academia Matogrossense de Letras (presidente desde a fundação); 12) Centro de Cultura Intelectual (correspondente) - Campinas; 13) Instituto Rio-grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre, 14) Círculo Rio-grandense de Difusão Literária (correspondente) - Porto Alegre; 15) Grêmio “Rui Barbosa”, (correspondente); 16) Academia Rio-Grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre; 17) Círculo Amigos de Marden (correspondente) - Espírito Santo; 18) Grêmio Literário “Euclides da Cunha” (correspondente) - Muqui - Espírito Santo; 19) Academia de Ciências e Letras de São Paulo (membro efetivo) - São Paulo; 20) Academia Carioca de Letras (correspondente) - Rio de Janeiro; 21) Federação das Academias de Letras do Brasil; 22) Academia Paraense de Letras (correspondente) - Belém; 23) Centro de Ciências, Letras e Artes (correspondente) - Campinas; 24) Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; 25) Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (correspondente) - São Paulo; 26) Casa “Humberto de Campos”, (correspondente) - Carolina; 27) Instituto Genealógico Brasileiro (correspondente) - São Paulo; 28) Instituto Heráldico Genealógico (correspondente) - São Paulo; 29) Confraternité Universelle Balzacienne (correspondente) - Montevidéu; 30) Intercâmbio Cultural (membro efetivo) - Guiratinga; 31) Instituto de Cultura Americana (sócio honorário) - Tolosa (La Plata) - Argentina; 32) International Institute of American Ideals (membro honorário correspondente) - Los Angeles - Estados Unidos da América; 33) Grand Prix Humanitaire de Belgique (comendador “Humberto de Campos” - Vila Velha - Espírito Santo.”

II - MESQUITA - O paladino das letras e incentivador da cultura.

JOSÉ DE MESQUITA é o maior literato de Mato Grosso. Percorreu todos os gêneros literários e nos legou obra perene, valiosa, extensa e profunda. Figura na galeria dos grandes escritores brasileiros. Romancista, contista, poeta, historiador e cronista, MESQUITA foi o grande paladino das letras matogrossenses.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Jornalista, colaborador dos jornais editados nesta capital, dirigiu, por mais de vinte anos, o jornal "A CRUZ", da Arquidiocese de Cuiabá.

Exerceu a magistratura durante 27 anos (1918/1945), onze dos quais como Presidente do Tribunal de Justiça do Estado (1930/1940). Fundou, no Tribunal de Justiça, com o Des. Palmiro Pimenta, os "Anais Forenses do Estado de Mato Grosso".

Iniciou, em 1915, com Estêvão de Mendonça, sua profissão de advogado e a esta retomou, após aposentadoria na magistratura, em 1945.

Implantou, com outros ilustres mato-grossenses, em 1919, por ocasião do bicentenário de Cuiabá, o Instituto Histórico de Mato Grosso, do qual foi Orador Oficial.

Para alargar os horizontes culturais do Estado, fundou, em 22/05/1921, com João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes cuja solene instalação se efetivou a 07 de setembro de 1922 e que se transformou, a 07 de setembro de 1932, em Academia Matogrossense de Letras.

Sua marcante presença, em maio de 1936, no Rio de Janeiro, no , “Congresso das Associações Literárias”, como Delegado da Academia Mato-grossense, valeu-lhe a Vice-Presidência daquele memorável conclave, presidido pelo Professor Fernando de Magalhães, representante da Academia Brasileira de Letras.

Foi por indicação de MESQUITA, a pedido de Afonso Costa, Presidente da Academia Carioca de Letras, que aquele Congresso aprovou a criação da “Federação das Academias de Letras do Brasil”, em cuja presidência se encontra, hoje, o acadêmico Des. Antônio de Arruda, Membro da Academia Mato-grossense de Letras.

Criou, em 1992, a “Revista do Centro Mato-grossense de Letras”, posteriormente transformada em “Revista da Academia Mato-grossense de Letras”.

Paladino das letras e incentivador da cultura, MESQUITA era o mais assíduo colaborador da Revista cujos trabalhos de revisão, pessoalmente, executava.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Durante 40 anos, desde a fundação até o instante derradeiro, MESQUITA dirigiu a Academia Mato-grossense de Letras, a ela se dedicando com amor paterno. Daí a razão pela qual o querido confrade Lenine de Campos Póvoas, referindo-se ao nosso Fundador JOSÉ DE MESQUITA, disse que “*ele foi, enquanto viveu, o seu Presidente, coração e alma desta Academia*”.

III - MESQUITA - O jornalista:

Relata Virgílio Corrêa Filho, em conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a 26 de julho de 1961, que JOSÉ DE MESQUITA, desde muito cedo começara a escrever para o Jornal “O Comércio” sob o título “Notas Paulistas”. Este jornal fora fundado, em 1910, por Estevão de Mendonça e Amarílio Alves de Almeida. MESQUITA, estudante em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, remetia suas crônicas para Estevão de Mendonça, versando fatos da Paulicéia. A respeito dessas crônicas, a nossa confreira Vera Randazzo, sucessora de MESQUITA na Cadeira nº 19 da Academia Mato-grossense de Letras, revela tratar-se de um jovem - apenas 18 anos - que escrevia “*num estilo primoroso, num português castiço. Quem lia suas crônicas nos idos de 1910 como Estevão de Mendonça, que lhas pedira, bem poderia prever que não era apenas um advogado que estava se formando, mas um grande literato, um grande jornalista que já estava pronto!*”

Todavia, JOSÉ DE MESQUITA começara desde muito antes, atividades jornalísticas, publicando seu primeiro trabalho no jornal “O Cruzeiro” órgão do Clube Minerva, sob o título “Trevas” na edição de

11 de abril de 1907, como referiu o saudoso confrade José Adolfo de Lima Avelino, em oração proferida a 05 de novembro de 1957, na Academia Mato-grossense de Letras, na sessão comemorativa do cinquentenário de jornalismo de JOSÉ DE MESQUITA.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Em São Paulo, no período acadêmico, colaborou na revista do Centro Acadêmico “*Onze de Agosto*” e na Revista da Faculdade de Direito de São Paulo.

Em Cuiabá, foi diretor do Jornal “*O Povo*”, no biênio 1916/1917, colaborou em “*O Mato Grosso*”, e no “*Correio do Estado*”. Dirigiu “*A Cruz*”, no período de 1925 a 1953. Fundou e dirigiu as Revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, bem como os “*Anais Forenses do Estado de Mato Grosso*”.

Manteve, ainda, colaboração nos jornais: “*O Estado de Mato Grosso*”, a “*Cruz*” e “*Combate*”, com uma seção denominada, “*Domingueiras*”.

Colaborou, também, com publicações de outros Estados: “*Revista Ilustração Brasileira*”, “*Gazeta de Notícias*” e “*Revista da Federação das Academias de Letras*”.

Foi membro fundador da Associação de Imprensa de Mato Grosso. Na Sessão Magna “*In memoriam*” do Desembargador JOSÉ DE MESQUITA, promovida pela Academia Matogrossense de Letras, o Acadêmico Gervásio Leite proferiu, em nome da Associação de Imprensa de Mato Grosso, estas palavras memoráveis:

“Aquele formoso espírito que era a linfa vital desta casa, com os fulgores de sua inteligência de eleição, abriu se desde logo, as emoções da criação artística, como poeta, romancista, cronista, historiador e jornalista e, ao longo de uma vida plena que se realizou integralmente, na fecundidade de uma pena que jamais se esgotou, trabalhou devotamente na seara do espírito, num labor que nem mesmo a pobreza da vida provinciana parada e pasmada, desestimulou ou tragou, na rotina do quotidiano que abafa as vocações mais vivas.”

Jornalista ao longo de meio século, as páginas da nossa imprensa dão testemunho vivo dessa atividade em que Mesquita era o soldado das horas indormidas nos bastiões de uma fortaleza que jamais se rendeu ao jogo dos interesses escusos ou no silêncio dos que cedo desertam das agruras de sua missão. Nele, o jornalista viveu dia a dia os esplendores

de sua missão e as misérias do amargo ofício. Na defesa do seu ideário e nas lutas pelos princípios que sempre defendeu, era de uma bravura impressionante. Os poderosos e os que se pretendem poderosos repetidas vezes foram marcados com o ferrete de sua palavra potente e, assim, nesse meio século de atividades jornalísticas, fez da imprensa uma tribuna onde, passo a passo, ensinava e doutrinava pregando aos homens de boa vontade e ferreteando os maus e os injustos, conversando, como queria Rui Barbosa, “todas as manhãs para a rua”, na mesma plenitude de franqueza com que se dirigisse para dentro de si mesmo, porque no seu espírito levava aquele “incêndio comunicativo da fé nos princípios” e “a paixão ignescente do ódio à tirania”.

Jamais lhe salteou o espírito o comodismo dos seus interesses pessoais injustificados por aqueles que ele marcava com o signo indelével de sua palavra impressiva. Ao contrário, vezes sem conta, podíamos vê-lo na serenidade daqueles que lutando pela verdade não sentem as feridas que o fragor da luta lhes causam. Nunca cedeu, assim, às artimanhas dos poderosos que não lhe podendo calar a voz calavam fundo os seus interesses de cidadão e de pai de família. Aí então surgia, formidável, ao lado do jornalista, o jurista e a campanha que encetava ganhava brilho e majestade porque era o homem desarmado lutando, com destemor, pela verdade e pela justiça contra o poder dos poderosos que acabavam impotentes e destroçados pelo lutador que hoje reverenciamos.

É que Mesquita compreendia o jornal como uma tribuna que só podia ser ocupada pelos nobres de espírito. A imprensa não devia ser o pasquim ou o vazadouro das injúrias atassalhantes e onde os homens que comandam a coisa pública desnudam-se expondo as suas mazelas, num espetáculo muitas vezes repugnante. Para ele o jornal era a tribuna da verdade e, encantando com o brilho de sua

cultura, ensinava aquelas verdades eternas que não podem ser obscurecidas mesmo nesta época caótica de derrocadas. Para ele o jornal era uma escola e uma cátedra, não o órgão verrineiro que, nas suas colunas mofinas, faz da injúria e da calúnia o pão com que os pasquineiros se nutrem mas, o jornal que edifica, o jornal que dignifica, o jornal, enfim, que faz da instituição divina da palavra o instrumento ideal de crescimento e seleção do espírito humano.

O jornalista que assim prega, que assim edifica, que assim ensina, é aquele que Rui denominou “mestre de primeiras letras”, “catedrático da democracia em ação”, “advogado”, “censor”, “familiar” e “magistrado”. E assim foi o confrade ilustre que a morte nos roubou, cujo convívio a todos encantava pelas maneiras cavalheirescas, pela amenidade do trato, pelos requintes da cortesia que faziam dele um “gentleman” no mais nobre e elevado sentido da palavra.

Mestre das letras e da imprensa devemos recordá-lo na plenitude de sua vida que o destino permitiu que ele realizasse plenamente, e que se eternizasse nos seus filhos os exemplos que deu a sua terra e aos homens de seu tempo.”

IV - MESQUITA - O historiador:

Orador Oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, coube a JOSÉ DE MESQUITA fazer o elogio histórico de diversas personalidades, tais como: Dr. Antônio Corrêa da Costa, Arcebispo D. Carlos Luís d'Amour, Modesto de Melo, General Caetano de Albuquerque, Prof. João Pedro Gardez, Naturalista Carlos Lindmann, Manuel Amarante e Otávio Pitaluga, Des. Luís da Costa Ribeiro, Bispo D. Antônio Malan, Gal. Malan D'Angrogne.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Conforme assinala Virgílio Correa Filho, na conferência já citada, proferida a 26/07/61, “a tarefa (de Orador Oficial do Instituto) exigia-lhe pesquisas, a que se entregou cada vez mais acuradamente, conforme evidenciou magnífica série de ensaios de real valia histórica. Para firmar os fundamentos da “*Genealogia Cuiabana*” considerou diversos ramos - “*André Gaudie Ley*”, “*Nobiliário Matogrossense*”, “*Corrêa da Costa*”, “*Prados e Figueiredos*”, “*Alves Corrêa e Moreira Serra*”, “*Mesquita Muniz e Pinhos e Azevedo*”, títulos em que se desdobravam as suas percucientes investigações pelos arquivos públicos e eclesiásticos, em que tinha fácil acesso, como por igual aos cartórios.

Em biografias separadas, tratou, de “*Um homem e uma época*”, “*Monsenhor Bento Severiano da Luz*”, que o Instituto Histórico admitiu na classe de sócio correspondente, de João Poupino Caldas e Manuel Alves Ribeiro, dois caudilhos de inquieta liderança regional, do Taumaturgo do Sertão (frei José M. Macerata), que logrou fama de santidade, propagada pelo povo.

Além dos temas individuais, também versou, com análoga perspicácia, outros, de ordem geral, como “*Grandeza e Decadência da Serra Acima*”, “*As Necrópoles Cuiabanas*”, “*Os Jesuítas em Mato Grosso*”, “*A Chapada Cuiabana*” Ensaio de Geografia Humana e Econômica oferecido ao “*IX Congresso Brasileiro de Geografia*”, “*Gente e coisas de antanho*” série de encantadoras crônicas, a exemplo de Vieira Fazenda, que se estenderam por vários números da Revista.

As suas contribuições, indicadas de espírito pesquisador, recomendaram-no à atenção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o acolheu jubilosamente.

Ao tomar posse da cadeira de correspondente em 1939, o discurso que proferiu, acerca de “*O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso*”, evidenciou-lhe não somente os anseios do civismo e conhecimento do passado, como ainda os dotes oratórios, cultivados nas tribunas que freqüentava, principalmente em Cuiabá, do pretório à Academia e ao Instituto.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

No dia 10 de março de 1992, ao comemorar o centenário de seu egrégio Fundador, a Academia Matogrossense de Letras está lançando a reedição de obras de JOSÉ DE MESQUITA, reunindo, num único volume, sob o título “*Genealogia Matogrossense*”, as obras anteriormente nominadas “*Nobiliário Matogrossense*” e “*Genealogia Cuiabana*”.

Estes trabalhos de levantamento genealógico dão bem a dimensão das investigações a que se dedicou MESQUITA, na seara da genealogia e da história, no estudo acurado da origem e da formação das tradicionais famílias cuiabanas e matogrossenses.

Sob o sugestivo título “*Gente e Coisas de Antanho*” o Prof. Carlos Rosa fez editar, em 1978, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Cuiabá, alguns escritos de JOSÉ DE MESQUITA, publicados inicialmente em jornais cuiabanos e, posteriormente, inseridos em Revistas do Instituto Histórico de Mato Grosso, de 1925 a 1954.

Através destes trabalhos, podemos visualizar as pesquisas realizadas por MESQUITA para esmiuçar as “*coisas de antanho*”, num estilo leve, agradável e com um fino traço de ironia.

V - MESQUITA - Romancista, contista, cronista e ensaísta:

Como romancista, JOSÉ DE MESQUITA nos legou o romance cuiabano “*Piedade*”.

Na visão de Amidicis Tocantins - “*Reminiscências - JOSÉ DE MESQUITA (Polígrafo e homem de bem)*”:

“*Na literatura dita de ficção - romance e conto - ninguém o sobrepujou em nosso Estado, alcançando da imprensa indígena e da crítica nacional encomiásticas referências. Com efeito, foi mestre no romance cuiabano que*

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

é “Piedade” - o primeiro da trilogia “Piedade”, Fé e Caridade” que, infelizmente, não se concretizou. - Está repleto do bom provincianismo cuiabano, da sutilíssima

psicologia humana, da alma encantadora das ruas e logradouros da “Cidade Verde”. Alia-se, ali, o pitoresco descritivo da linguagem, técnica hábil, engenhosa, de pessoa que revela alta dose de sentimento artístico na concepção de uma obra prima.

Em seus livros de contos “A Cavallhada”, “Espelho de Almas”, e “No Tempo da Cadeirinha”, nota-se a mesma linha de encanto estético que manobra através da criação dos vários personagens de virtudes provincianas sob esplêndida roupagem literária.

Grangeou nomeada não só como ficcionista, mas ainda, como ensaísta e biógrafo, autor de livros como “A Chapada Cuiabana”, “de Lúvia a Dona Carmo” (as mulheres na obra de Machado de Assis, “Um taumaturgo do Sertão”, “Augusto Leverger, o bretão cuiabanizado”, “João Poupino Caldas”, “Manuel Alves Ribeiro” e outros trabalhos monográficos.”

VI - MESQUITA - Advogado, magistrado, jurista emérito e orador consagrado:

JOSÉ DE MESQUITA conquistou sólida formação jurídica, na Faculdade de Direito de São Paulo, onde colou grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Turma de 1913.

Sua paixão pela profissão de advogado, ele a herdou de seu pai José Barnabé de Mesquita (Sênior), que fora advogado nos auditórios da Comarca de Cuiabá. O exercício da profissão de advogado era uma permanente homenagem à memória de seu pai, que perdera quando tinha, apenas, cinco meses de idade.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Iniciando-se, em 1915, na profissão de advogado, sob orientação de Estevão de Mendonça, foi posteriormente nomeado Procurador-Geral do Estado de Mato Grosso.

Ingressando na magistratura, foi Juiz de Direito da Comarca de Registro do Araguaia e, posteriormente, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado.

Na antiga Faculdade de Direito de Cuiabá (1934/1937), foi Professor da Cadeira de Direito Constitucional.

Quando se aposentou no Tribunal de Justiça (1945), retomou às lides forenses, tendo sido Procurador da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

A fase áurea de sua judicatura, exerceu-a no Tribunal de Justiça, quando proferiu numerosos votos e publicou trabalhos jurídicos nos “Anais Forenses do Estado de Mato Grosso”, destacando-se como representante de nosso Estado, no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

O saudoso Prof. Nilo Póvoas, referindo-se à formação jurídica de MESQUITA e ao exercício de sua judicatura, prestou este significativo depoimento:

“Na complexa individualidade de JOSÉ DE MESQUITA, vários aspectos se nos impõem à consideração. Um deles, porventura o mais expressivo da sua formação espiritual, foi o seu culto apaixonado das letras jurídicas, a que se entregara com o fervor de um asceta, levado por instinto puramente vocacional. Formado pela célebre Faculdade de Direito de São Paulo, que criou e nutriu uma luzida plêiade de eminentes juristas, de lá trouxe o jovem bacharel espírito forrado por uma sólida cultura jurídica que lhe permitiu consagrar-se lídimo propugnador da justiça, na aplicação das normas do Direito e conservar, na presidência da mais alta Corte Jurídica do Estado, as gloriosas tradições de austeridade do nosso antigo Tribunal da Relação.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Como distribuidor de justiça, foi ele de um comportamento exemplaríssimo. Não o movera jamais a paixão política que sói, por vezes, arrastar os magistrados a iniquidades, à prevaricação e à desonra. As decisões e as suas sentenças, escrevia-as ele com a mão na consciência e os olhos no Juiz Supremo. Eram-lhe elas ditadas pela razão e baseadas, invariavelmente, na lei e no direito. Nunca o vimos vacilar no cumprimento de seus deveres funcionais. Bem compenetrado se achava de que na soberania do Poder Judiciário é que reside a força da autoridade civil e que esta soberania se assenta na integridade dos seus juízes.”

Em artigo publicado no jornal "Diário de Cuiabá", em 20/11/ 1990, o eminente Des. Antônio de Arruda assim se manifestou:

“Em 1937, encontravam-se no Tribunal os Desembargadores JOSÉ DE MESQUITA, Armando de Souza, Amarílio Novis, Otávio da Cunha Cavalcanti, Palmiro Pimenta, José Vieira do Amaral, Oscarino Ramos, José Otílio da Gama e Olegário Moreira de Barros. Eram nove Desembargadores, mas esse número foi reduzido a sete pela Constituição Estadual, promulgada nesse ano, sendo postos em disponibilidade os dois mais modernos - Vieira do Amaral e Olegário de Barros.

O Presidente do Tribunal era JOSÉ DEMESQUITA, que vinha exercendo o cargo desde 1930, tendo sido reeleito nos períodos seguintes, até dezembro de 1940. Ocupou assim a presidência durante onze anos consecutivos e neste ponto só perdeu para o Desembargador João Martins França, que foi Presidente do Tribunal durante doze anos, a partir de 1895. No começo de 1937, JOSÉ DE MESQUITA, no exercício da presidência, teve de enfrentar os excessos das paixões que dominavam o ambiente. Acompanhei o julgamento do rumoroso processo de "impeachment" contra

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

o Governador Mário Corrêa, cujos partidários tentavam tumultuar as sessões. Numa delas, MESQUITA resolveu suspender o julgamento e requisitar força federal para garantir o funcionamento da Justiça, atitude que concorreu para a intervenção federal no Estado, reclamada pelos adversários do Governador. MESQUITA conseguiu superar com dignidade a agitação daqueles dias e pode prosseguir no exercício das funções em que demonstrou notável aptidão para a liderança. Acredito que foi com o desempenho dessa presidência e da outra, mais longa ainda, da Academia Mato-grossense de Letras, cujos destinos dirigiu por mais de quarenta anos, que JOSÉ DE MESQUITA aprimorou seus dotes inatos de sociabilidade”

Orador consagrado, MESQUITA a todos conseguia “convencer, persuadir e deleitar”

O mestre Isaac Póvoas destaca em MESQUITA as suas qualidades oratórias, com as seguintes referências:

“Notável foi sem dúvida alguma a atuação desse primoroso homem de letras na arte sublime da oratória. Dificilmente poder-se-á dizer em que ramo do saber humano foi ele maior: se como poeta, como jornalista, como orador ou ainda como contista. Em todas as modalidades em que se manifestem os pensamentos e os sentimentos e da sua erudição. Na tribuna como na poesia, o nosso saudoso conterrâneo começou cedo, visando, naturalmente, atingir cedo à Perfeição. Desde a sua adolescência, o seu nome já figurava como orador dos clubes em que a mocidade de sua época ensaiava os seus passos vacilantes na senda das letras. Com essa sede de saber, cresceu, frondejou como árvore plantada em terreno fértil. Foi às culminâncias das letras, igualando-se aos melhores. De sua vastíssima bagagem oratória, destacamos, pela sua merecida repercussão, “O Sentimento

de Brasilidade na História de Mato Grosso”, discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; “Professoras Novas para um Mundo Novo” discurso paraninfa, em Campo Grande; “Nos Jardins de São João Bosco”, discurso e conferências, São Paulo; “O Exército, fator de Brasilidade”, discursos, Rio de Janeiro.”

VII - MESQUITA - O Poeta

Seria imperdoável se neste rápido bosquejo sobre a vida e obra de JOSÉ DE MESQUITA não nos detivéssemos na sua pujante veia poética.

A obra poética de MESQUITA foi extensa: “Poesias”, “Terra do Berço”, “Da Epopéia Mato-grossense”, “Poemas do Guaporé”, “Escada de Jacó”, “Roteiro da Felicidade” e outras produções esparsas.

Poeta de rara sensibilidade, ia do parnasianismo ao modernismo, num permanente culto à mulher e com uma impetuosidade sempre ardente.

A respeito da obra poética de MESQUITA, disse a acadêmica Vera Randazzo:

“Sobre a mulher, tem tanta delicadeza, tanto respeito ou tanto amor, que mesmo se às vezes vai além às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a sensualidade que se evola dos seus sonetos de amor, não conspurca nunca a imagem feminina, pois é sempre puro e autêntico amor, é sempre belo na emoção.”

(Discurso de posse, em 10/03/1982)

Nesta oportunidade, transcrevemos um soneto de MESQUITA, que, num concurso promovido pela Revista “*Ilustração Brasileira*”, figurou entre os dez melhores sonetos do Brasil:

“ASCENÇÃO”

*Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
Sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
Cheia de abismos maus, que abrem faces escuras,
Vai a estrada coleando, em busca da esplanada.*

*Sobes. E na ascensão, entre angústia e torturas,
Tons de ira e de despeito, ápodos e assuada,
Vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...*

*Hás de sempre encontrar luzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.*

*Lá bem alto cintila a estrela da bonança
e além, teu coração, mais do que a vista alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.*

VIII - A figura humana de JOSÉ DE MESQUITA:

Meu saudoso pai, Virgílio Corrêa de Mello, cujo centenário de nascimento se comemora a 10 de março de 1992, e que por cinquenta anos labutou nas lides forenses, foi contemporâneo, amigo e admirador de JOSÉ DE MESQUITA por quem nutria a mais profunda veneração.

MESQUITA era um “gentleman”, tal como o descreveu Gervásio Leite. Quando se encontrava com meu pai, sempre procurava saber de seus filhos, especialmente do “*orador mirim*”, da Escola Modelo “*Barão de Melgaço*”, que é o humilde autor deste esboço sobre a vida e obra do grande varão mato-grossense. A mim, sempre dirigia MESQUITA palavras de carinho e de incentivo. Gostava de incentivar os jovens.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

JOSÉ DE MESQUITA era nobre nos gestos, nas palavras e na ação. Tranqüilo e sereno, nobre e justo, alegre e afável, possuidor de imensa cultura jurídica e literária, MESQUITA sabia tratar com a mesma fidalguia, humildes e poderosos.

Casou-se em primeiras núpcias, em 1915, com D. Anna Jacintha Pereira Leite. O casal teve oito filhos, três dos quais faleceram em tenra idade.

Consoçou-se em segundas núpcias com D. Laura Pereira Leite, em 1942, de quem houve um único filho.

MESQUITA, católico praticante, amigo, confiante e aparentado com D. Aquino Corrêa, era profundamente devotado à família.

Apassionado por sua terra e sua gente, MESQUITA devotou-se de corpo e alma na tarefa hercúlea de liderar as atividades culturais em Mato Grosso, arrostando todas as dificuldades que as circunstâncias lhe impunham. Venceu todos os obstáculos e conseguiu consolidar as duas grandes instituições que fundou: o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Matogrossense de Letras.

Manteve assíduo intercâmbio com as instituições do País e do Exterior, sem prejuízo das atividades decorrentes do exercício da judicatura ou da profissão de advogado.

A “*Casa Barão de Melgaço*”, foi doada ao Instituto Histórico e, ao então Centro Matogrossense de Letras, graças à sua pertinácia na consecução dos ideais a que devotou sua vida (Decreto nº 01, de 23/11/ 1930). A escritura de doação, datada de 15/04/1931, trás as assinaturas de Dom Aquino e de MESQUITA, que representaram as instituições donatárias. O doador, o Estado de Mato Grosso foi representado pelo Interventor Federal, Cel. Antônio Menna Gonçalves.

Pela Lei nº 1.079, de 21 de julho de 1930, o “Centro Mato-grossense de Letras”, já fora declarado de utilidade pública pelo Dr. Anibal Benício de Toledo, Presidente do Estado.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Faço estas referências, porque na Sessão Magna de inauguração da “Casa Barão de Melgaço”, realizada a 24 de junho de 1931, sob a Presidência de honra de D. Aquino Corrêa, quem mais exultou foi JOSÉ DE MESQUITA, nosso Presidente perpétuo, que ali foi “*o coração e a alma da Academia*” e que dali, cercado do respeito e da veneração do povo mato-grossense, haveria de partir para a derradeira morada.

MESQUITA não morreu! Sua vida e sua obra viverão eternamente, para exemplo das gerações porvindouras!

O LEGADO DE JOSÉ DE MESQUITA

Antonio de Arruda

José Barnabé de Mesquita, ainda jovem e pequeno comerciante em Diamantino, resolveu mudar-se para Cuiabá, em 1880. Em Cuiabá, Mesquita Sênior aperfeiçoou seus conhecimentos, tornando-se professor de Latim no Liceu Cuiabano e depois advogado provisionado. Liberal, foi abolicionista e um dos fundadores do Partido Republicano em Mato Grosso. Faleceu prematuramente, em 1892, aos 37 anos de idade.

Neste mesmo ano, nasceu-lhe o único filho, que lhe herdaria o nome e as qualidades. José de Mesquita foi realmente digno continuador do pai, seguindo-lhe as mesmas tradições de honradez e de caráter. Foi até além, porque teve uma vida mais longa e pôde construir uma brilhante carreira e colocar-se no primeiro plano da cultura matogrossense. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, voltou para Cuiabá, advogando algum tempo e ingressando depois na magistratura, que exerceu por 27 anos. Foi Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso durante onze anos consecutivos, o que demonstra seu prestígio perante os colegas.

Desde cedo, Mesquita militou no jornalismo e nas lides literárias. Publicou muitos livros e opúsculos e deixou esparsa em jornais e revistas vasta colaboração. Trata-se de trabalhos que representam mais de 50 anos de laboriosa atividade. Exemplo raro esse, porque o comum no homem de letras é o cansaço precoce, o desencanto e a perda do entusiasmo da juventude.

Entre as obras publicadas por José de Mesquita, destacam-se:

Poesias: Terra do Berço, Escada de Jacó, Roteiro de Felicidade. Romance: Piedade.

Contos: A Cavallhada, Espelho de Almas (premiado pela Academia Brasileira de Letras), No Tempo da Cadeirinha.

Ensaio: A Chapada Cuiabana, A Academia Mato-grossense de Letras, Bibliografia Mato-grossense de Letras, Bibliografia Matogrossense (em colaboração com Firmo Rodrigues).

Biografias: João Poupino Caldas, Manoel Alves Ribeiro.

Além de construir uma obra variada e rica, Mesquita foi também um grande incentivador da vida cultural e animador fecundo das boas causas. A Academia Matogrossense é um atestado vivo de sua extrema dedicação às coisas do espírito. Pode-se afirmar que a Academia nasceu em sua própria casa, pois nela reuniu um grupo de intelectuais que, em 1921, assentaram as bases do Centro Mato-grossense de Letras, núcleo da atual instituição. Foi também sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e da Federação das Academias de Letras do Brasil, além de ter pertencido, como sócio efetivo ou correspondente, a inúmeras instituições culturais.

Também, em “A Cruz” que dirigiu por muitos anos, e em outros jornais em que colaborou, Mesquita estimulou vocações e encorajou muitas esperanças. Não poucos jovens lhe devem o ingresso na vida literária, pois lhes proporcionou esse primeiro alento sem o qual não teriam ânimo para perseverar no esforço iniciado.

Em entrevista à “Gazeta” de São Paulo, ao perguntar-lhe o jornalista o que procurava ser na arte, Mesquita respondeu:

“Um homem do meu tempo, sem escravizar-me às escolas e fugindo ao obsoleto, bem como aos exageros do modernismo, duas deturpações da arte, no tempo, e também ao regionalismo exagerado, deformação da arte, no espaço.”

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Manifestou seu pendor pela poesia, aceitando para ela tudo o que se lhe apresentava como motivo de inspiração e de beleza, principalmente o lirismo, a seu ver a quintessência poética. Quanto à prosa, declarou dedicar-se ao conto, à novela e ao romance, além dos ensaios, história e genealogia. Anotou ainda sua preferência pelos temas de introspecção e psicanálise, sobretudo feminina, por considerar a alma da mulher, na sua beleza e contradições desconcertantes, o melhor campo de experiência artística. Aliás, neste particular, Mesquita deixou belíssimo trabalho sobre as mulheres na obra de Machado de Assis, a que intitulou “*De Livia a Dona Carmo*”. Nesta análise da galeria feminina do criador de Capitu, Mesquita revelou também esta sua permanente preocupação literária, qual a de compreender a mulher e fixar-lhe as cambiantes do sentimento. Outro gênero para o qual Mesquita confessou sua atração foi o estudo dos costumes, em especial do passado, única realidade humana, segundo Anatole France. A isso tudo, pode-se acrescentar que, cultuando todos os gêneros literários, Mesquita o fez com rara maestria, deixando-nos modelos insuperáveis na arte de escrever.

Seria muito se o ilustre escritor matogrossense houvesse sido advogado e magistrado insigne, poeta e escritor dos mais admiráveis. No entanto, isso não foi tudo nessa personalidade multifacetada. De Boileau há belos versos que se podem traduzir deste modo: - “*Ama a virtude e dela nutre tua alma. Não sejam os versos teu eterno cuidado. Cultiva os amigos, sê homem de fé. Não basta ser encantador num livro: é preciso saber também conversar e viver*”.

Esses simples e sensatos conceitos Mesquita os adotou. Dedicado às letras, não desprezava, porém, o mundo e a vida, antes os envolvia num amplexo sedutor. Aceitando o conselho de Boileau, era, ao mesmo tempo, encantador nos livros e na sociedade. Sua obra toda, sua poesia, principalmente, está impregnada dessa amável alegria de viver que caracteriza os espíritos sadios e otimistas. Sua palestra cordial, temperada de leve humorismo, seduzia e elevava. Por isso, era-lhe fácil grangear e conservar amizades, algumas vindas do tempo de sua juventude, outras posteriores, todas consolidadas pelo afeto que dispensava a todos.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Ninguém terá levado tão a sério as obrigações sociais como ele sempre o fez. Datas natalícias de amigos, colegas e confrades, instantes de alegria e de dor, tudo era motivo para suas visitas ou pelo menos para um telegrama cordial. Mesquita foi, sem dúvida, um homem educado ou mais propriamente, um homem civilizado.

Espírito reto, doíam-lhe as injustiças e violências. Neste ponto, era bem um discípulo de Ihering, para quem a defesa do direito constitui dever elementar de todo cidadão. Daí porque Mesquita arrostou algumas lutas, às vezes com veemência e pertinácia, que lhe valeram não poucos momentos de amargor. A alguns estas atitudes afiguravam-se incompatíveis com o homem convictamente religioso que também era. A mais de um colega ouvi dirigir-se a ele, com certa malícia, perguntando-lhe:

- *Mesquita, você perdoa aos seus inimigos?*

Sua resposta era invariavelmente a seguinte:

- *Perdôo tudo e a todos, mas não esqueço.*

Parece-me assim que ele, como crente, perdoava aos inimigos, mas, como homem sensível, soma com as ofensas recebidas. Tudo isso, porém, não o impedia de ser bom e de cultivar a generosidade, sentimento que reponta, a cada passo, em seus livros. Assim cantou ele, por exemplo, no soneto “*Ato de Bondade*” da “*Escada de Jacó*”:

É preciso ser bom, mesmo que a vida,

Arvore má, te negue fruto ou flores.

Que a ventura ou o infortúnio não decida

Teu rumo, sempre bom, seja o que fores.

Do mesmo modo, no soneto “*Transbordamento*” do “*Roteiro da Felicidade*” há estes conceitos:

Sendo feliz, debes ser bom, porque a ventura

É uma flor, cujo fruto excelente é a Bondade.

Quem ditoso se sente, há de a felicidade

Irradiar de si, num halo de doçura.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Pensamentos análogos vêm-se em outros poemas de sua lavra. Por isso, um dos momentos mais sugestivos de sua vida foi quando a Academia Matogrossense lhe prestou significativa homenagem de apreço, em uma sessão a que ele chamou a **Festa da Amizade**. Coube-me então, como Vice-Presidente em exercício da Casa, coordenar as festividades e pronunciar a respectiva alocução de abertura. Falaram também, na ocasião os acadêmicos Corsíndio Monteiro da Silva, Gervásio Leite, Francisco Mendes, Rubens de Mendonça e o jornalista Augusto Mário Vieira, cada qual analisando um dos aspectos de sua obra. Respondendo a essa homenagem, dissera então José de Mesquita:

“Que compensação dadivosa não representa este momento, a tantas decepções que a vida nos traz, às injustiças e incompreensões, frutos de erros de visão ou de instintos inferiores recalcados, hostilidades cegas ou surdas, pequeninas e gratuitas, em que muita amizade aparente se desfaz, na pedra de toque do interesse ou das baixas emulações: Vai assim a mestra vida, artista inigualável, depurando, no seu laboratório, as amizades, tão diferentes das chamadas “relações” e fazendo sobrenadar as verdadeiras, que não contêm seiva de interesse nem lia de ressentimento... Quão feliz me sinto nesta idade que ainda quero julgar de transição entre a mocidade, que finda, e a maturidade que começa, nó meio de camaradas, de vocês, velhos ou novos amigos, ouvindo-lhes essas palavras de compreensividade e benevolência, com que me confortam e estimulam, para que eu, bendizendo o que fiz, me anime a continuar fazendo o que puder pela nossa cultura e pela nossa terra.”

No belo ensaio a respeito da poesia de D. Aquino Corrêa, publicado na Revista da Academia Mato-grossense de Letras (volume de 1956), José de Mesquita, após analisar os aspectos fundamentais da poética do Arcebispo, afirmou que este achou na poesia o sentido de sua

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

vida, o que lhe permitiu realizar seu maravilhoso destino. Salientou que, mesmo escrevendo em prosa, D. Aquino produziu magníficos poemas evocativos, eis que, Poeta acima de tudo, foi como Poeta que nos transmitiu seu verdadeiro e autêntico testamento. E concluiu: - *“Esse o seu maior título de glória, o legado primoroso do seu espírito de escol, e muito mais do que do espírito, do seu grande e generoso Coração”*

Pois José de Mesquita esculpiu também seu legado, em primeiro lugar em sua própria vida, com a qual nos deixou admiráveis exemplos de correção, hombridade e solidariedade humana, assim como em sua vasta obra que marcou presença entre o que há de melhor na produção literária mato-grossense.

ESCRITORES MATOGROSSENSES: JOSÉ DE MESQUITA

Almir Jorge Bodstein

Nasceu em Cuiabá, no dia 22 de março de 1892, e toda a intelectualidade matogrossense comemora agora, jubilosamente, o seu centenário de nascimento.

Figura exponencial da cultura matogrossense, brilhou em nossas letras como astro de primeira grandeza.

Cultivou esplendidamente todos os gêneros literários. Foi poeta, orador, romancista, contista, ensaísta, epistológrafo, jornalista, biógrafo, destacou-se nas letras jurídicas e na genealogia, revelando-se em tudo beletrista de escol.

Imensa e preciosa é a sua bagagem literária.

Seu livro de contos ESPELHO DE ALMAS foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1932.

Foi fundador e Orador Perpétuo do Instituto Histórico de Mato Grosso, fundado em Cuiabá, em 1919, quando a cidade comemorava o seu bicentenário. Um dos fundadores do Centro Matogrossense de Letras inaugurado no dia 7 de setembro de 1921, e, em 1932, transformado na Academia Mato-grossense de Letras. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e destacado membro de diversas outras entidades culturais do Brasil.

o grande intelectual matogrossense, acadêmico Dr. Lenine Póvoas, que, na sua magnífica obra HISTÓRIA DA CULTURA MATOGROSSENSE, recenseia mais de 30 obras de José de Mesquita, sem contar os inúmeros artigos em jornais, como A CRUZ, de Cuiabá, de que foi Diretor por 20 longos anos, e em revistas, como as do Instituto Histórico e da Academia de Letras de sua terra, chamou-o “*coração e alma da nossa Academia*”.

Sobressaiu também na Religião. Líder católico, privou da amizade do Arcebispo Dom Aquino e, pelo seu benemérito trabalho, foi distinguido pelo Papa Pio XI com a Comenda de São Silvestre.

Ex-aluno e amigo dos salesianos, proferiu discursos e conferências em festas e comemorações salesianas, que enfeixou na bela obra NOS JARDINS DE SÃO JOÃO BOSCO.

Faleceu em Cuiabá, no dia 22 de junho de 1961.

No dia 22 de agosto desse mesmo ano, a Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico de Mato Grosso, em Sessão Magna, prestaram-lhe solenes homenagens póstumas.

Falaram, então, o Professor Francisco Ferreira Mendes, Presidente em exercício da Academia Mato-grossense de Letras, que em palavras candentes, abriu a Sessão Magna; o acadêmico Nilo Póvoas, Orador Oficial da Academia; O Desembargador Antônio de Arruda, representando o Tribunal de Justiça; a Senhorinha Odilsa Freitas de Souza, que declamou NOSSA VELHA CASA, soneto de José de Mesquita; o acadêmico Palmiro Pimenta; o Presidente da Associação de Imprensa

Mato-grossense, acadêmico Gervásio Leite; o Professor Benedito Pinheiro de Campos, Diretor-Redator do jornal A CRUZ, e o Orador Oficial do Instituto Histórico de Mato Grosso, acadêmico Rubens de Mendonça.

A revista da Academia Mato-grossense de Letras dedicou um número especial (de 1959-1961) à memória de José de Mesquita, que apresenta os discursos da Sessão Magna e é rica em artigos comemorativos.

Nela, há, do grande intelectual matogrossense Des. Antônio de I Arruda, além do seu brilhante discurso na Sessão Magna, um artigo comemorativo e correspondência de José de Mesquita.

No seu discurso, na Sessão Magna, afirmou que Mesquita “pôde construir ao longo dos anos, extenso edifício espiritual, colocando-se no primeiro plano da cultura matogrossense. Durante cerca de 27 anos foi magistrado no Tribunal de Justiça, que presidiu por 11 anos ininterruptos, deixando marcos indelévels da sua passagem. Em verdade, José de Mesquita, como homem de letras, foi dos mais fecundos de Mato Grosso, ombreando-se com um Dom Aquino, um Estevão de Mendonça, um

Virgílio Corrêa Filho”. E em termos lapidares analisa a obra literária de Mesquita e tece comentários à sua edificante vida.

E o Orador Oficial da Academia, Prof[>] Nilo Póvoas, refere-se a José de Mesquita como “matogrossense insigne que, na sua grandeza espiritual, honrou a magistratura, de que foi ornamento inconfundível; comunicou brilho intenso às letras, que cultivou com esmero e dedicação insuperável; refulgiu na Imprensa, fazendo dela o instrumento de aperfeiçoamento e de progresso; dignificou o magistério com a sua peregrina cultura e com o seu caráter adamantino”.

Este é o homem que ficou para nós como um símbolo da cultura e da honradez na magistratura que exerceu com dignidade e brilhantismo em nosso Estado.

Todos nós nos rejubilamos com a comemoração solene do seu centenário de nascimento.

DISCURSO EM HOMENAGEM PELO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ DE MESQUITA

Benedito Pereira do Nascimento

Numa época em que, mundialmente, são quebradas as tábuas de valores, vive Cuiabá momento tão significativo da sua história.

É o Centenário do Desembargador JOSÉ DBMESQUITA.

No firmamento intelectual e jurídico poucos brilharam em Mato Grosso com intenso fulgor.

Constitui, entre os maiores, justificado orgulho da inteligência e da cultura da sua gente, que nele via cintilar, nas lições judiciárias e literárias, o vigor incomparável do saber.

Segundo dados biográficos anotados pelo seu dileto filho, Doutor Fernando de Mesquita, nasceu em 10 de março de 1892, em Cuiabá, bacharelando-se em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo e Ciências Jurídicas e Sociais, em 1913, pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido orador da turma sob aplausos dos seus colegas.

Na sua longa vida pública, iniciada moço ainda, exerceu os cargos de Professor de Português da Escola Normal, Procurador Geral do Estado, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia, Professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Colendo Tribunal de Justiça de Mato Grosso.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Foi exatamente aqui, na cúpula do órgão colegiado matogrossense, que o eminente Desembargador José de Mesquita, demonstrou, com brilho inextinguível, a sua produção intelectual servindo como um sol e estímulo para as futuras gerações de magistrados e de todos aqueles que se empenham pelo império e culto das letras em nossa terra.

Exerceu a judicatura com proficiência, seriedade e ânimo inquebrantável, merecendo dos seus pares a admiração e a prestigiosa escolha para desempenhar a Presidência da alta Corte Judiciária por onze anos ininterruptos.

O Des. José de Mesquita, durante a sua brilhante trajetória na magistratura, dignificou e honrou a Justiça de Mato Grosso com a sua consciência jurídica e o seu saber, principalmente com a sua envergadura moral.

Criou com o Desembargador Palmiro Pimenta, primeiro Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, a revista “*Anais Forenses do Estado de Mato Grosso*”.

Fundador e Presidente da Academia Matogrossense de Letras até o seu falecimento. Sócio-fundador e orador oficial do Instituto Histórico de Mato Grosso. Idealizador da criação da Federação das Academias de Letras do Brasil.

O centenário de nascimento de José de Mesquita, comemorado sob o signo da mais viva expressão cultural, abre ensejo para se avaliar a peregrina obra legada à posterioridade no campo das idéias, nascida na poesia e noutros gêneros manejados com maestria, como dizia Maritain “*nas profundezas da alma*”.

Foi, em essência, um autêntico homem das letras, mediante as quais reavivava, sempre, a sua fé em Deus e na prevalência da Justiça.

A sua vida e obra de homem de letras estão, indissolúvelmente, ligadas à História épica de Cuiabá, sobretudo à energia indômita da raça bandeirante.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Amigo diletíssimo do imortal Dom Aquino Correa, católico fervoroso que hauria, como diretriz da convivência social e participação nos bens da vida, forças na religião e na moral.

Reverente, seguia o ensinamento de Starrrnler “*A cultura é um desenvolvimento no sentido do Justo*”.

O emérito e saudoso ex-Presidente desta Corte, Desembargador Gervásio Leite, em lapidar síntese, traduziu os altos valores que inspiraram a vida e o ideário do Desembargador José de Mesquita:

“Aquele formoso espírito que era a linfa vital desta casa, com os fulgores de sua inteligência de eleição, abriu se desde logo, às emoções da criação artística, como poeta, romancista, cronista, historiador e jornalista e, ao longo de uma vida plena que se realizou integralmente, na fecundidade na seara do espírito, num labor que nem mesmo a pobreza da vida provinciana parada e pasmada, desestimulou ou tragou, na rotina do quotidiano que abafa as vocações mais vivas.

Jornalista ao longo de meio século, as páginas da nossa imprensa dão testemunho vivo dessa atividade em que Mesquita era o soldado das horas indormidas nos bastidões de uma fortaleza que jamais se rendeu ao jogo dos interesses escusos ou no silêncio dos que cedo desertam das agruras de sua missão. Nele, o jornalista viveu dia a dia os esplendores de sua missão e as misérias do amargo ofício. Na defesa do seu ideário e nas lutas pelos princípios que sempre defendeu, era de uma bravura impressionante. Os poderosos e os que se pretendem poderosos repetidas vezes foram marcados com o ferrete de sua palavra potente e, assim, nesse meio século de atividades jornalísticas, fez da imprensa uma tribuna onde, passo a passo, ensinava e doutrinava pregando aos homens de boa vontade e ferreteando os maus e os injustos, conversando, como queria Rui Barbosa, “todas as manhãs para a rua” na mesma plenitude de franqueza com que se dirigisse para dentro de si mesmo, porque no seu

espírito lavrava aquele “incêndio comunicativo da fé nos princípios” e “a paixão ignescente do ódio à tirania”. Jamais lhe salte ou o espírito o comodismo dos seus interesses pessoais injustiçados por aqueles que ele marcava com o signo indelével de sua palavra impressiva. Ao contrário, vezes sem conta, podíamos vê-lo na serenidade daqueles que lutando pela verdade não sentem as feridas que o fragor da luta lhes causam. Nunca cedeu, assim, às artimanhas dos poderosos que não lhe podendo calar a voz calavam fundo os seus interesses de cidadão e de pais de família. Aí então surgia, formidável, ao lado do jornalista, o jurista e a campanha que encetava ganhava brilho e majestade porque era o homem desarmado lutando, com destemor, pela verdade e pela Justiça contra o poder dos poderosos que acabavam impotentes e destroçados pelo lutador que hoje reverenciamos. É que Mesquita compreendia o jornal como uma tribuna que só podia ser ocupada pelos nobres de espírito. A imprensa não devia ser o pasquim ou vazadouro das injúrias atassalhantes e onde os homens que comandam a coisa pública desnudam-se expondo as suas mazelas, num espetáculo muitas vezes repugnante. Para ele o jornal era a tribuna da verdade e, encantando com o brilho de sua cultura, ensinava aquelas verdades eternas que não podem ser obscurecidas mesmo nesta época caótica de derrocadas. Para ele o jornal era uma escola e uma cátedra, não o órgão verrineiro que, nas suas colunas mofinas, faz da injúria e da calúnia o pão com que os pasquineiros se nutrem mas o jornal que prega, o jornal que ensina, o jornal que edifica, o jornal que dignifica, o jornal, enfim, que faz da instituição divina da palavra o instrumento ideal de crescimento e seleção do espírito humano. O jornalista que assim prega, que assim edifica, que assim ensina, é aquele que Rui denominou “mestre de primeiras letras”, “catedrático da democracia em ação”, “advogado”, “censor”, “familiar”

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO
e “magistrado”. E assim foi o confrade ilustre que a morte nos roubou, cujo convívio a todos encantava pelas maneiras cavalheiresca, pela amenidade do trato, pelos requintes da cortesia que faziam dele um “gentleman” no mais nobre e elevado sentido da palavra.

Mestre das letras e da imprensa devemos recordá-lo na plenitude de sua vida que o destino permitiu que ele realizasse plenamente, e que se eternizasse nos seus filhos os exemplos que deu a sua terra e aos homens de seu tempo.”

Esta Corte de Justiça, em administração pretérita, e no Governo do ínclito Dr. Cássio Leite de Barros, como preito de reverência ao insigne Juiz e enaltecendo a sua inteligência e cultura jurídica, colocou, por feliz iniciativa do Dr. Luís-Phillipe Pereira Leite, Padre Wanir Delfino César e Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro - Deocleciano Martins de Oliveira Filho, o seu busto em bronze no átrio do Tribunal e, também, instituiu a Medalha Desembargador José de Mesquita para galardoar pessoas que no desempenho da vida pública, por sua obra e serviços, engrandeceram o Poder Judiciário.

De ouvir, em Gente e Coisas de Antanho, o consagrado magistrado e professor, Desembargador Antônio de Arruda, ex-Presidente deste Tribunal, ocupou-se da vida de José de Mesquita com a galhardia que lhe é habitual e que todos reconhecem:

“Ocorre-me aqui uma das impressões mais antigas que guardo de José de Mesquita. Foi quando regressei a Cuiabá, em 1937, após o meu curso de Direito, e ia assistir às sessões do Tribunal, por ele dirigidas. Naquele tempo, as paixões políticas, exacerbadas pelo processo contra o Governo Mário Correa, tentavam invadir o recinto severo da nossa mais alta Corte de Justiça. Não era fácil opor-se a essa torrente avassaladora, eivada de facciosismo. Mesquita arrostava-se, porém, de ânimo sereno, dominando com dignidade aquele ambiente agitado. Felizmente, foram raros tais momentos de vibração e intolerância. Em épocas normais, pôde José de Mesquita patentear as suas notáveis aptidões

para a liderança. Na galeria dos Presidentes do nosso Tribunal, talvez nenhum outro o avantajasse em finura e elegância. Foi o que exerceu por mais tempo desta função, juntamente com o velho Des. João Martins França; cerca de 11 anos para ambos.”

De sentir, igualmente, o que a toga poética, vagando entre a consciência cristã e a realidade, produziu:

*“Fazer o bem a quem retribua,
nenhum merecimento, é claro, tem.
Somente é bom esse que continua,
mesmo em troca do mal, fazendo o bem.*

*Não te preocupe o estrépito da rua.
Ouve a tua consciência e mais ninguém.
A ingratidão na alma serena atua
como incentivo que do céu lhe vem.*

*Porque, fazer o bem buscando o útil,
é um torpe traficar com a caridade
e se pagar com a moeda fútil.*

*Mas fazê-lo ao ingrato e ao desleal,
isso é glória, é beleza, é heroicidade:
é, como Deus, pagar o bem por mal.”*

EMINENTES PARES, a obra bibliográfica do Desembargador JOSÉ DE MESQUITA, singular, admirável e fecunda, é rica em vibrações de paz e espiritualidade.

Bendita, pois, a vida que propicia instantes de enlevo e gratas recordações.

Bendita a vida exemplar, endurecida pela História e pontilhada de trabalho e glória.

Bendita a Magistratura que tem perpetuado em bronze JOSÉ DE MESQUITA.

JOSÉ DE MESQUITA - O POETA

João Antônio Neto

Verdadeiramente, os vivos é que partem e nos deixam sozinhos. Os mortos permanecem, e ficam conosco.

E essa verdade é tanto maior, quando se trata daqueles que transcenderam seu destino individual e se projetaram na vida e na consciência comum - tecendo a teia inconsútil da perpetuidade.

Os grandes morrem, vencendo a morte e, como dizia EXUPÉRY, não são sepultados: são plantados - e, plantados, criam raízes, brotam, frondejam e continuam dando flores e frutos, em todas as estações.

E há mais: toda presença eminente, que transpõe e anula a morte, possui uma certa existência física; sentimo-la, tão viva e tão nítida, como se de sua névoa crepuscular continuasse a transfixar a sombra, para aquecer os corações esmagados pela injúria e insensibilidade do transitório.

Daí, o desafio, na boca do Apóstolo dos Coríntios: “- Onde está, ó Morte, a tua vitória? “

Realmente, onde está?...

MESQUITA é um desses que se privilegiaram pela constância de uma vida feita de ação dirigida para a plenitude - o aqui, neste encontro matinal, não desejaria vê-lo e conversá-lo, como aquele que o insuspeito D. AQUINO, na Oração Fúnebre apontou como o portador “*dos dotes que lhe deram a superioridade nas letras mato-grossenses*”.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Não queremos dialogar, por ora, com o jurista, o orador, o historiador, o cronista, o romancista, o contista, o sociólogo... Preferimos, para esta oportunidade, ouvir o grande poeta - o lírico dos poemas do Amor, da Natureza, do Sonho e da Arte, em alguns dos momentos inesquecíveis da poética de Mato Grosso.

O AMOR! Que tem a nos dizer o Amor?

*“O nosso coração anseia e clama
pelo amor, luz do céu na terra acesa,
raio de sol, transverberando a lama,
sopro de Deus, que anima a natureza.*

Ou então:

*“A vida se condensa no que amamos,
seja realidade ou quimera esse amor,
seja um ente real ou sonho que ideamos,
seja um pouco de céu, seja um ninho entre ramos,
seja um rio, uma planta, uma estrela, uma flor...”*

E a Natureza:

*“Ouve o rumor que faz a água correr sonora
a casquinhar veloz pela campina a fora;
sente o olor virginal dos lírios mal abertos...*

*Natureza! - Só tu sabes lenir as dores
e fazer vicejar todo um moital de flores
nos sombrios jardins dos corações desertos...*

E o Sonho e a Arte:

*“Ainda hoje acordei muito tristonho
e murmurei numa fatal saudade:
“- antes a realidade fosse um sonho...
antes o sonho fosse a realidade...”*

*Sê forte na bondade e firme na doçura.
Que te importa, a esbater no seu brejal medonho,
dos batráquios a multidão refece e escura,*

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

*Se tens, para abrigar tua alma dolorida,
esse mirante azul da Poesia e do Sonho,
donde se vê mais bela a paisagem da vida!*

Mas, - a meu parecer - onde o poeta Mesquita alcançou altitudes mais vastas e penetração mais profunda, foi na difícil poesia de reflexão filosófica, onde aparece o homem empenhado em abrir veredas à compreensão superior do Bem e do Amor - como demanda e fim do homem glorificado.

Primeiramente, mostra que o Bem - apesar dos desconcertos do mundo - é a verdadeira força que leva ao amor universal:

*“Ressurge, alma dolente e álgida, que sentias
a morte dentro em ti: acorda para a Vida.
Observa, a cada instante, a mutação dos dias.
Foge à acédia letal, com à infrene corrida.*

*Verás, após a noite, as róseas ardentias
a celegam doirar, agora enegrecida,
e suceder ao rijo uivar das invernias
o hino da primavera esplêndida e garrida.*

*Caduco é o mal. O Bem, somente, eterno dura.
Vive o teu ideal de justiça e bondade,
e, entregue ao teu constante e discreto labor,*

*emergirás da treva à luz serena e pura,
que, defronte do mal, se converte em piedade,
e, ao influxo do bem, se transforma em amor.*

Mas, sem Humildade, o Bem cede ao Orgulho, e este não passa de uma coroa de cera que o menor raio-de-sol pode derreter. Na Humildade esconde-se a verdadeira grandeza:

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

*“Cultiva sempre essa simplicidade,
que é a flor mais bela que a alma humana ostenta,
e fuge aos ouropéis, com que a vaidade
aos nécios e aos fracos alimenta.*

*Singelo, evita em tudo a fatuidade.
A filáucia valor não te acrescenta.
Sê sempre o mesmo, quer na adversidade,
quer na fortuna próspera e opulenta.*

*Tal no-lo ensina a própria Natureza
que no mérito, árdua e rija frágua,
não no tamanho, põe sua grandeza.*

*Vazias amplidões enerva o vê-las,
enquanto a mais humilde poça d'água
reflete o céu com todas as estrelas.”*

Da Humildade, chega-se à paz - essa aura divina que alimenta todas as aspirações redentoras:

*“Imaginas que o Bem ou a Ventura resida
no ouro, que te seduz, na glória que te ilude,
e andas a procurar, numa ânsia estulta e rude,
o teu grande ideal nas miragens da vida.*

*Tem mais calma e beleza a água azul dum açude
do que esses vagalhões de fúria desmedida.
Para que tanto afã, nessa doida corrida,
se um rei e um pária não diferem no ataúde?*

*Vais tão longe buscar o que possúis tão perto
e tendo ao teu alcance a sombra perfumada
do oásis, prefere palmilhar o agro deserto.*

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

*Ouves a voz que te fala, ensurdinante, a sós:
- Quem crê e ama, não precisa mais de nada...
A verdadeira paz está dentro de nós.*

*Todavia, não haverá Paz, sem Justiça e Verdade:
“Combater contra o mal é tarefa constante,
que a vida nos impõe, nessa dura porfia.
Forte, enfrenta o perigo, instante por instante.
Repouso não terás na peleja bravia.*

*Prossegue, sem temor, o teu caminho avante.
Na vitória final, com certeza, confia,
embora a luta seja árdua e desconcertante,
quando a perversidade à estultícia se alia.*

*Não hesites, porém: a Justiça, a Verdade
hão de sempre vencer no prélio formidando,
as fraudes da protérvia e as manhas da maldade.*

*E da consciência ao fundo hás de sentir, invicto,
que o Bem, batido sempre, acaba triunfando,
pois no tempo ele é eterno e no espaço, infinito.*

E todo esse crescendo nos leva, como num retomo salvífico, ao indefectível valor do mesmo Bem, expresso nesta jóia de arte poética e filosofia cristã:

*“Fazer o bem a quem te retribua,
nenhum merecimento, é claro, tem.
Somente é bom esse que continua,
mesmo em troca do mal, fazendo o bem.*

*Não te preocupe o estrépito da rua.
Ouve a tua consciência e mais ninguém.
A ingratidão na alma serena atua
como incentivo que do céu lhe vem.*

*Porque, fazer o bem buscando o útil,
é um torpe traficar com a caridade
e se pagar com a moeda fútil.*

*Mas fazê-lo ao ingrato e ao desleal,
isso é glória, é beleza, é heroicidade:
é, como Deus, pagar o bem por mal.*

Como já perceberam os senhores, quis fazer desta visita e deste reencontro com Mesquita um convívio diferente, de pura emoção estética, entre tantas pedras frias e flores fanadas, para que, pelo milagre estranho da poesia, esta mesma hora se despisse de luto e de amargura, para transfigurar-se em Beleza e Alegria - únicos sentimentos capazes de redimir o peso e as aflições da Saudade e da Morte.

E esse ágape literário com Mesquita deixaria de ter o seu fecho de ouro, se não o encerrássemos com suas próprias palavras, traduzi das na "Ascensão", que é um dos mais belos cânticos à vida triunfante, que a poesia brasileira tem produzido. Ascensão é a caminhada definitiva para o alto, para a comunhão com Deus e as estrelas - para a glória da imortalidade heróica:

*Íngreme, sinuosa, aspérrima, escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.*

*Sobes. E na ascensão, entre angústia e tortura,
trons de ira e de despeito, ápodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...*

*Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos,
mas nunca te pareça o teu esforço vão.*

*Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.*

Cuiabá, 10/03/92

ESTILÍSTICA EM JOSÉ DE MESQUITA

UMA INTRODUÇÃO

Benedito Pedro Dorileo

As palavras assumem no discurso papel importante e menos importante, outras. Há as principais, representativas da idéia-núcleo, traduzem a realidade com imagens-sínteses.

Tomemos este trecho literário, com lição antropológica, de José de Mesquita, em Os Primeiros Bacharéis Matogrossenses: "*Elementos estranhos, sobretudo de origem portuguesa e paulista se haviam radicado na terra a que ora os vinculavam laços de sangue, e elos de interesse, constituindo-se dest'arte os prógonos de outras tantas famílias poderosas pela riqueza e pelo prestígio social, e o comércio bem que rotineiro e difícil entra a intensificar-se, multiplicando-se, por outro lado, os engenhos em que a indústria começa a prosperar sensivelmente*" (In Gente e Coisas de Antanho-Caderno 4, Ec. 1978, pág. 39).

Achamos os termos principais, reduzindo o grupo fraseológico, em essência, para: Elementos estranhos... radicados... terra... vinculavam laços sangue e interesse... constituindo-se... prógonos... famílias poderosas... comércio... intensificar-se... multiplicando engenhos... indústria poderosa.

A operação simplificadora ocorre com o despojamento dos artigos, adjetivos em parte, preposições, conjunções, verbos, auxiliar e de ligação, pronomes, advérbios em parte, locução adverbial. Ainda poderíamos chegar à redução para apenas os substantivos e verbos.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

São palavras reais ou semantemas e instrumentos gramaticais ou morfemas. Sob enfoque rigoroso, pode-se concluir que semantemas são os substantivos e os verbos e, por vezes, o advérbio, o pronome, o numeral, conforme o lugar de expressividade que desempenham no discurso. Os morfemas são os outros elementos de relação ou de precisão.

No cotidiano da vida, a carga de morfemas fica reduzida, principalmente, nestas horas de velocidade e de exigüidade de tempo.

Há a situação em que a linguagem telegráfica pode ser utilizada, com laconismo necessário, economizando tempo, espaço e dinheiro. Por exemplo: “*Cuiabá cem anos quase Cuiabá hoje*”. A esfera de atividade de dinâmica social obriga à redução, à concisão fundamental; avulta-se a palavra real à custa do instrumento gramatical. Em José de Mesquita, na crônica Cuiabá de há um Século, encontramos: “*A Cuiabá de cem anos atrás era - relevem-me tão dura verdade - quase a Cuiabá de hoje*”. Falava o literato sobre o período de 1827 a 1927, lapso de total estagnação da vida cuiabana (Op. cit. pág. 107), Aqui, os morfemas juntaram-se aos semantemas para oferecer maior elucidação e elegância à construção fraseológica.

Não se preconiza o estilo teleográfico, mas se sugere a atenção para a importância dos vocábulos advertindo contra o estilo desmesurado, empolado da multiplicação inútil das palavras, dispensáveis para a absorção do sentido. Nas suas crônicas temos encontrado a medida virtuosa do bom estilo, prevalecendo a sobriedade, com dispensa dos enfeites gongóricos ou inúteis, como se lê em Beleza Cuiabana: “*Preiteavam-lhe homenagens, rendidos aos seus amavios de viuvinha juveníssima, as mais importantes figuras do tempo*” (Op. cit. pág. 117). Os adjetivos caem dosadamente na elaboração da frase, nem mais, nem menos.

As palavras reais salientam-se pela sua força expressiva, despertando imagens das coisas, podendo revestir de aspectos variegados o sentimento pessoal.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Neste trecho, José de Mesquita, em O Relógio da Catedral, conversa com a máquina, conferindo-lhe a capacidade de sentir, ver, movimentar, soar, posicionar: “*Mas melhor é que assim te conserves, arcaico observador, no silêncio vocal a que te condena a tua própria natureza, pendulando e soando as horas e meia-horas, ao sol dos verões e aos luaceiros do inverno, pois se a palavra te fosse dada, talvez muito amargor nos reservarias no increpar aos cuidados de hoje o seu descaso pela tradição, o seu feitícismo pelas cousas frívolas de hoje, a completa transformação moral que se lhe opera irremediavelmente no caráter*” ... (Op. cit. pág. 119). As fantasias geradas, aqui, evoluem-se para além do objeto e propicia representações que pouca ou nenhuma relação tem com ele na realidade. Este fenômeno denomina-se de parafantasia, cuja aplicação literária é conhecida pela denominação de linguagem figurada. E cientificamente de Sinestesia a estas interpenetrações de vários sentidos, quando o relógio assume a figuração de pessoa que trabalha, sente, observa, censura e produz o despertar ético.

O senso estético do literato escolhe os vocábulos mais adequados ao seu intento, os torneios de frases, a construção mais eficiente ao seu objetivo de comunicação de idéias ou de sentimentos. É a Sinestesia a sensação pertencente a um sentido que transita para outro por decorrência de sentimentos. Produz a sensação concomitante.

Mais uma crônica mesquitiana. No Campanário, em que encontramos: ... “*subamos ao campanário, em visita aos amigos sinos, que bem no-la merecem, pois compartilham de nossa vida desinteressadamente, dobraram aos funerais dos nossos maiores, repicaram ao nosso batizado e os dos nossos filhos e vão, pela vida afora, nos acompanhando nas mais diversas fortunas, nos alti-baixos da existência*” (Op. cit. pág. 121).

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Bastou a palavra sino para evocar as mais diferentes imagens, sugerindo o seu som a morte, a vida, o sacramento, a tradição. Como podem também os sons provocar sensações de cor, dor, amor, saudade, tristeza e alegria.

O sino, sinestesticamente, pode induzir às imagens de: representação sonora, de imagem motriz do movimento, imagem visual da forma e tantas imagens de parafantasia.

O étimo de sinestesia completa o nosso entendimento: “S. Do gr. Synaisthesis, ato de perceber uma coisa ao mesmo tempo que outra, sensação ou percepção simultânea” (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, José Pedro Machado, Ed. 1967, Vol. 111, pág. 2118).

E não bastou a escolha das palavras, mas José de Mesquita procurou a disposição do material lingüístico, tendo em vista as condições da sociedade, a quem dirigia a sua comunicação. Na mesma crônica vemos novo diálogo sobre o sino, conferindo-lhe “*outras missões*” confabulando com ele, em produções sinestésicas com apuro de linguagem, dirigida ao estrato social intelectualizado da época: ... “*velhos sinos amigos, ali no seu plácido campanário, tangendo matinas e vésperas, dia por dia, noite por noite, na sua tarefa discreta e bondosa. São eles que levam para o alto os nossos ais rolando em suas vozes - como disse o poeta - e trazem-nos os apelos misteriosos do Infinito, nessa linguagem evocativa dos seus dobres e dos seus repiques*” (Op. cito pág. 123).

Em José de Mesquita encontramos a exatidão do termo, a propriedade do uso das palavras, tal como os parnasianos e realistas. O emprego excelente dos adjetivos é uma constante, ainda que em certas passagens ocorra a demasia da qualificação, porém, ora reforçando o sentido do substantivo, ora moldando-lhe a diferença de sentido.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Assim, lemos outra crônica mesquitiana, A missa do Espírito Santo: “*Quando o missa cantante galgava, nos seus ricos paramentos, os degraus da Capela-mor e aproximava-se do altar todo florido e iluminado, o corpo desferia os seus cantos harmoniosos e as volutas do incenso evolavam-se lentamente dos turibulos de prata. E grave, solene, majestosa, a missa começava*” (Op. cito pág. 125). Vê-se, aqui, o uso dos adjetivos: ricos, florido, iluminado, harmonioso; além da alocação adjetiva **de prata**, e ainda do advérbio **lentamente**, e a construção **volutas do incenso evolavam-se**, que redundam a imagem. Deste trecho, aproveitamos para destacar o recurso estilístico da diferença quantitativa em: “*E grave, solene, majestosa, a missa começava*”. A série destes três adjetivos está colocado segundo uma ordem lógica, a própria lógica dos sentimentos: a pompa da celebração eucarística vai-se desenvolvendo numa ordem crescente: primeiro, a austeridade do ato; depois, a magnificência do ato; por fim, a grandeza suprema do ato.

Contrariamente, encontramos, em A Procissão de São Jorge, outra crônica mesquitiana: “*A tropa prestava continência à passagem do General das Milícias Celestes. Era um espetáculo grandioso e impressionante*” (Op. cito pág. 128). Aqui a ordem lógica está invertida pelo sentimento, de mais para menos da representação imaginárias dos adjetivos. E a ordem decrescente: primeiro, a pompa do ato; depois a impressão do ato. E poderíamos entremear o adjetivo altivo. Ainda que tal recurso estilístico requeira cuidados sinonímicos e analógicos.

Dessa forma, o que predomina nas ordens crescente ou decrescente é a intensidade afetiva, carga sentimental dosada hierarquicamente, interessando à Estilística.

Percebemos as palavras que apresentam aspectos variados de uma mesma idéia, a sinonímia gradual empregada; mas é natural que cada um dos elementos da série sinonímica sugira, por seu lado, outras palavras com a qual tem ou pode ter afinidades. Ocorre, então, a chamada associação de idéias, que

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

expressam diferentes acepções, variantes e matizes de um mesmo pensamento. Até mesmo idéias antagônicas. Tomemos um trecho mesquitiano em Migalhas para História da Cidade: “*Cidade velha, com um passado cheio de episódios curiosos, de costumes e usanças bastante típicos, a Capital Mato-grossense daria ensanchas a belos ensaios em que o brasileiro teria muito que lucrar, dada afeição essencialmente nacional do nosso povo, que se explica aliás pela sua posição isolada no centro quase geométrico do continente*”, (Op. cit. pág. 133). Temos o adjetivo belos (sing. belo) e isolada (masc. isolado), grifados no texto. A face oposta de belo é feio, e de isolado pode ser acompanhado. Assim, a maneira mais prática de buscar o sentido da palavra é encontrar-lhe o antônimo. Dessa forma, o princípio da Analogia é considerar, em primeiro lugar, numa palavra o seu termo antagônico; e depois, todos os termos que se lhe ligam por associação de idéias.

Façamos duas colunas, a primeira contém as palavras relacionadas diretamente com a idéia; a segunda, as acepções antagônicas:

BELO

Substantivos: Beleza, boniteza, bonitura, venustidade, formosura, frescor, lindeza, beldade, encanto, atrativo, primor, perfeição, mimo, louçania, elegância, galhardia, garradice, donaire, graça, airosidade, esbelteza, pomposição, um não sei quê, garbo, requinte, aprumo, esplendor, fulgência, grandeza, sublimidade, celsitude, imponência, suntuosidade,

Adjetivos: lindo, bonito, preclaro, galante, formoso, venusto, angélico, gracioso, sedutor, pulcro, elegante, delicado, mimoso, adorável, digno de se ver, escultural, chique, simpático, airoso na forma, garboso, perfeito, esbelto, danoso, donairoso, senhoril, grácil, guapo, bem posto, catita, loução, vistoso, de formas suaves, brilhante, esplêndido, excelente, magnificante, feérico, des-

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

brinco, elevação, nobreza, apuro, delicadeza, fausto, embelezamento, formo-seamento, Vênus, Afrodite, Citéria, Hebe, as Graças, Narciso, deidade, ninfa, fada, serafim, arcanjo, rosa, lírio, flor, anêmona.

lumbrante, espetaculoso, pomposo, soberbo, radiante, doce, suave, suntuoso, excelso, majestoso, angustal, tentador, digno do pincel de um artista, faustoso.

FEIO

Substantivos: Fealdade, deformidade, disformidade, desprimor, inelegância, des-elegância, desfiguramento, hediondez, horribilidade, asquerosidade, porte desengraçado, desaire, desengonço, cara feia, carantonha, corão, carranca, caranchona, caramono, aleijão, especto, sapo, mico, monstro, monstrengo, demônio, mono, Calibã, Eso-po, Quasímodo, jacodes, jangaz, chinchila, trangola, espantalho, estupor, bazu-laque, figura de pano arrás, feanchão, dentuça, hipopótamo, madrigáz, ma-cho da liteira, chichimeco, ur-so, macaco, camafeu, careaça, canhão, toupeira, seresma, serpe, bruxa, tarasca, jia, manopla, penca.

Adjetivos: feio, como bode, inelegante, deselegante, in-gracioso, simiesco, disforme, desproporcionado, des-favorecido, desprimoroso, desairoso, flexípede, demá sombra, façanhudo, contrafeito, pesado, desdentado, anodonte, capribarbudo, car-rancudo, trombudo, focinhudo, pseudo, narigudo, pencudo, pençudo, ventruado, vatricoso, de fero aspecto, indigesto, desinteressante, rebarbativo, encarontanhado, horrendo, medúcio, achaparrado, inartístico, desornado, desaprimorado, grosseiro, deforme, lúgubre, medonho.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM
ISOLAMENTO

Substantivos: singularidade, imparidade, afastamento, incomunicabilidade, orfandade, junção, indivíduo, única voz, sentinela, insulador, dielétrico, isolamento, blo-queio, separação, solidão, abandono, dis- junção, um só, uma

Adjetivos: uno, um, único, só, solteiro, viúvo, divorciado, órfão, solitário, sozinho, sem segundo, ímpar, singular, individual, personalíssimo, desacompanhado, distinto, desamparado, abandonado, entregue aos seus próprios recursos, desirmão, desirmanado, esquecido dos homens, inarticulado, desempareirado, sem par, díspar, desemparelhado.

ACOMPANHAMENTO

Substantivos: adjunto, com-texto, encadeamento, terá-topagia, coabitação, paridade, companhia, eficiência, companheiro, comparte, sombra, rasita, séqüito, textura, xipofogia, coexistência, inse-parabilidade, con-comitância, par-ceiro, co-panheiro, associado, par-ceria, comanditário, consorte, pa-

Adjetivos: concomitante, trigêmeos, coabitantes, emparelhados, emparceirados, juntos, inseparáveis, casados, amigos, misturados, unidos, ladeado, acessório, acidental, ge-meos, coexistentes, emparelhados, juntos, inseparáveis, casados, amigos, misturados, unidos, ladeado, acessório, acidental.

Se assim é feito para todas as coisas fundamentais que possam suscitar outras idéias, e, por conseguinte, outras formas de expressão, teremos chegado ao Dicionário Analógico. Vê-se a importância, para o escritor e para o estilista, desta pesquisa.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO
“*In casu*” valemo-nos do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (idéias afins), Ed. 1974, de Francisco dos Santos Azevedo.

Se atentarmos bem, concluiremos que o substantivo pouco difere do adjetivo; em resumo, são dois aspectos de uma mesma lingüística. A própria origem do nome tem mais de adjetivo do que de substantivo. Investigando lingüisticamente, vemos que, ao princípio, todos os seres foram designados por uma qualidade fundamental, que os caracterizava. E usual é tomar o adjetivo pelo substantivo. Vejamos em Os Planos de Magessi, crônica mesquitiana:... “*naquele meio da Cuiabá colonial dos começos do século XIX, onde já havia uma sociedade, com foros de fidalguia, ricos mercadores, gente que se dava por fina e de boa linhagem, escandalizada ante a sencerimônica do governador, que se permitia ajudar o fabrico do sabão por economia doméstica*” (Op. cito pago 173). A língua de cunho impressionista faz avultar a qualidade sencerimônica, um neologismo, acima do objeto, faz da qualidade o próprio objeto. O adjetivo vê-se substantivado. O substantivo vai muitas vezes empregado como adjetivo: também este serve não raro como substantivo, tanto na linguagem comum, como na literária. Este princípio tem apreciáveis aplicações na Estilística.

Observe, por fim, nesta despreziosa análise, que o gênero prosa de José de Mesquita, quando muito dele nos lembramos neste ano centenário do seu nascimento, provoca sempre doce estesia, uma sensação permanente de beleza estética, pela inteligente escolha dos elementos na propriedade e na disposição sonora das palavras, da sua combinação na frase e da disposição artística dos acentos, dos conceitos novos que evoca na produção suave da linguagem figurada. O seu gosto literário expressa o temperamento do homem culto e religioso. A imagem de José de Mesquita não está senescente, mas atual em nossas recordações literárias e do nosso espírito.

Cuiabá, maio de 1992.

HOMENAGEM A JOSÉ DE MESQUITA

Vera Randazzo

SENHORAS E SENHORES! : Quisera ter uma parcela da sabedoria rutilante do luminoso e ínclito vulto que me coube homenagear, no dia do centenário de seu nascimento!

Quisera ter verbo inflamado de um poeta condoreiro, para tecer as loas de uma figura ímpar no cenário das letras e da magistratura mato-grossense!

Quisera... oh, quanto eu quisera, traduzir com a magia de palavras altissonantes, minha admiração pelo grande gênio chamado JOSÉ DE MESQUITA!

No entanto, se não tenho os dons de um Aquino Corrêa, ou as vozes de um Cícero, será com a alegria de minha pequenez que vou exaltar o fundador desta Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi o Presidente por 40 anos, sendo também o titular de cadeira n° 19, cujo patrono é o também imortal Couto de Magalhães, cadeira que hoje, modestamente ocupo.

José de Mesquita que nasceu no dia 10 de março de 1892 e cujo centênio de vida completa-se nesta noite de gala em meio às emoções de todos nós, era filho do diamantinense e seu homônimo José Barnabé de Mesquita e de D. Maria de Cerqueira Caldas, sendo neto pelo lado paterno do Capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de D. Maria Rita de Mesquita. O capitão morreu muito cedo, deixando ao filho ainda adolescente, a sagrada tarefa de cuidar de mãe viúva e três irmãs: Isabel Perpétua, Ana e Daria

Pouco tempo depois, os Mesquitas, mudam-se para Cuiabá, devido principalmente a então decadência de Diamantino. Emprega-se o jovem chefe de família, numa casa comercial, onde pela sua capacidade logo chega a guarda-livros. Além de sustentar decentemente os seus, estuda com afinco e dotado de invulgar inteligência, habilita-se e conquista o cargo de advogado provisionado da Comarca de Cuiabá.

Progredindo, exerce vários cargos como Auditor de Guerra, ainda no tempo do Império e professor de Latim no Liceu Cuiabano e já na República foi diretor da Tipografia Oficial. Político liberal, foi jornalista e era ardente abolicionista. Casou-se com D. Maria de Cerqueira Caldas em 1891 e um ano depois, com apenas 37 anos faleceu, deixando ao seu único filho de apenas cinco meses, além de seu próprio nome, uma herança prenhe de exemplos dignificantes, tanto de vida profissional como da familiar.

É patrono da cadeira n° 27 desta Academia, hoje ocupada pelo ilustre historiador Ubaldo Monteiro da Silva.

Alguns anos mais tarde, a jovem viúva uniu-se em segundas núpcias, ao comendador Antônio Tomaz de Aquino Corrêa, viúvo de D. Maria de Aleluia Gaudie Ley, mãe do imortal e brilhante Príncipe da Igreja de Mato Grosso, que governou e pacificou nosso Estado de 1918 a 1922, e que é também luminar das letras mato-grossense de renome internacional.

O menino José encontraria no seio do novo lar muito carinho e dedicação, embora continuasse sendo o enlevo das três tias paternas, duas das quais morreriam solteiras e centenárias na casa do querido sobrinho.

Estudou no Liceu Salesiano São Gonçalo e completou seu curso de Ciência e Letras que corresponde, hoje, a 2° Grau, em 1907, o que fazia sua tia Dadá dizer, feliz: “- Quinze anos e já formado em Belas Letras”!

Viaja então o jovem estudante para São Paulo, ingressando na famosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde teria como colega, dentre outros Menotti Del Picchia que seria o autor de “Juca Mulato”, “As Máscaras”, e outros belos poemas e de quem seria amigo por toda a vida.

Inicia, então, José de Mesquita, sua carreira literária, mandando para o Jornal “O Comércio” de Cuiabá, sob a direção de Estevão de Mendonça, deliciosas crônicas, intituladas “Notas Paulistas” e é interessante ver a São Paulo do inverno de 1910 com os olhos do moço cuiabano de 18 anos:

“Por vezes, se a noite eu me ponho a perambular ociosamente pelas ruas e praças desertas, minha imaginação me faz ver, passando sob a garoa, embuçado numa longa capa romântica, o vulto de Alvares de Azevedo ou Castro Alves, ou qualquer outra alma como a deles que andou a amar e sonhar nesta paulicéia formosa. É então que São Paulo me aparece como sempre imaginei: a grande e tradicional Cidade Universitária, cheia de dia, de estudantes que não estudam, e, de noite, de românticos sonhadores que passeiam o seu amor e as suas tristezas sob a garoa que desce suavemente do alto...”

Pensando nas moças e senhoras daqui conta algo sobre a moda:

“Sob os abafados trajés de lã, enluvadas e de ricos chapéus, vejo passar famílias para o cinema. Os chapéus de inverno são em forma de um turbante mourisco, e sobre certos rostinhos são de um efeito encantador”.

Mas dá também, o nosso estudante de Direito, notícias das personalidades estrangeiras que visitam o Brasil e faz comentários quanto às idéias dos visitantes e certas manifestações contra:

“É preciso deixar de vez esses hábitos e acostumarmos a ver nas convicções dos outros, o direito de existir que não queremos negado as nossas convicções. Quando andou por aqui, Anatóle France, falou-se muito em protesto, em manifestações contra a estada e visita do velho literato da simpática nação francesa. Agora com George Clemenceau. Felizmente esses protestos não têm eco fora de casa. Ao contrário, fariam péssima recomendação aos nossos costumes nacionais, à nossa apreçoada hospitalidade”.

Numa crônica fala sobre a recepção e João do Rio, na Academia Brasileira de Letras.

Em outra, rejubila-se com a queda da monarquia em Portugal e quando Olavo Bilac esteve no Teatro Santana, José de Mesquita está e conta para Cuiabá:

“... o poeta discorreu adoravelmente, encaloradamente sobre as mulheres de Shakespeare, entremeando a conferência de trechos do grande bardo inglês, traduzidos por ele mesmo em admiráveis versos e ao sair cada expectador trouxe, como eu, trechos encantadores de frases, beleza figuras e mais belas idéias, inda a lhes cantar no ouvido, como a magia inefável de uma verdadeira sinfonia!”

Em junho, acha sem graça as festas juninas de São Paulo, atribuindo o fato ao temperamento retraído, mais familiar que social que caracterizava o paulista. Aí, então, a saudade aparece e escreve:

“Entre nós, nessas boas terras de Mato Grosso, e principalmente em Cuiabá, as festas de São João, como todas as festas populares, têm outro atrativo. As nossas noites de São João, com as fogueiras, as sortes, os jogos de prenda e as danças, são noites que fazem a gente, no meio desta vida prosaica, acreditar por um momento na existência da Poesia”.

E termina, cheio de melancolia, desejando que:

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

“Deus queira que a civilização custe muito a penetrar em Mato Grosso, e que possamos, ainda, ver por mais de 50 anos o São João festejado com fogueiras e cantigas suaves que se perdem na doçura da noite límpida e estrelada, quando começa o amanhecer”.

Em 1913, com apenas vinte e um anos, conclui o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, sendo ele, o jovem cuiabano, neto do Capitão Mesquita de Diamantino, escolhido pelos seus dotes excepcionais, para ser o orador da turma.

Quando muito jovem, José de Mesquita, aproximou-se da doutrina do filósofo francês, Ernesto Renan e de outros livres-pensadores, afastando-se da religião de seus maiores, causando certo constrangimento à sua família profundamente católica. Mas este afastamento foi breve, causado pela juventude, em geral contestadora, tanto que alguns anos mais tarde, diria no seu magnífico soneto intitulado “Jesus”:

“O mundo quis viver sem ti e viu que a vida, sem a Tua palavra eterna que conforta,

É uma gleba maninha, estéril, ressequida... “

Em 1915, recebe como esposa Ana Jacinta, de dezessete anos, filha do Desembargador João Carlos Pereira Leite e de D. Amélia de Cerqueira Pereira Leite.

Foi um casamento e ao lembrá-lo diria no ocaso de vida:

“Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude.

Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: Gozei a vida em toda a sua essência, do amor o capítulo sumo”.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Nasceram-lhes oito filhos, três falecidos na primeira infância, mas criaram Guy, Amadeu, Maria Amélia, Maria de Lourdes e Fernando.

Perdendo sua dedicada esposa em 1942, desposou três anos depois sua cunhada Laura Pereira Leite, reconstituindo novamente, um lar feliz onde nasceria José Carlos, o que o faria dedicar à esposa o soneto “*Maternidade*” do qual extraímos estas estrofes:

*“Faltava a tua meiga formosura,
Ao teu encanto, à tua mocidade,
O que à mulher completa e transfigura,
O halo sublime da maternidade.
E, hoje, ao ver-te a feição mais doce e pura,
Toda a exalar paz e felicidade,
Teu filho ao colo, a mim se me afigura
Que atinges, a integral maturidade.”*

JOSÉ DE MESQUITA (que não gostava do Barnabé) iniciou sua vida profissional, como professor de Português da Escola Normal, nomeado pelo Dr. Costa Marques em 1914. Pede exoneração no ano seguinte, pois é nomeado Procurador Geral do Estado.

Jovem, formado em faculdade de renome, conhecido e admirado pelo que escrevia para a imprensa cuiabana. José de Mesquita é cotejado e convidado para os mais altos cargos, principalmente por sua idoneidade moral, mas submete-se a concurso público para o Tribunal de Relação (hoje, Tribunal de Justiça) e sendo aprovado é nomeado em abril de 1920, com Juiz de Direito da Comarca de Araguaia. Diria mais tarde:

“Araguaia, saudosa estância que marca para mim, o início de minha carreira judiciária, e s impressões desse período jamais se me apagarão da mente”!

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Foi professor de Direito Constitucional da Antiga Faculdade Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça, do qual foi Presidente de 1930 a 1940.

Disse dele, o Desembargador Antônio de Arruda, seu insigne colega na Magistratura, nas Letras e também membro deste sodalício:

“Era de ver, por exemplo, o orgulho com que se referia à sua profissão de advogado - não por ela em si, mas porque o ligava ao genitor que também o fora. Ingressando na magistratura, fez dela parte mais fecunda de sua carreira, e suponho que das maiores satisfações que teve foi quando um dos filhos e um genro o acompanharam neste setor, e ao saber estar o caçula recém-formado preparando-se para seguir-lhe as pegadas”.

Como não tive a felicidade de conhecer tão extraordinária personalidade que foi José de Mesquita e ocupando hoje a cadeira que foi dele, nesta Academia Mato-grossense de Letras, procuro ansiosamente conhecê-lo através de depoimentos dos que tiveram a ventura de privar de sua intimidade ou foram seus contemporâneos. Procuro também, conhecê-lo através de seus artigos publicados em jornais ou revistas, ler suas biografias de vultos históricos, seus estudos genealógicos, discursos, poemas, seus contos e romances, alguns difíceis de serem encontrados, outros ainda inéditos, pois vasta, variada e fecunda foi a obra deixada por este escritor invulgar, grande nos gêneros literários.

Mas é também como pessoa que José de Mesquita me fascina. Foi um homem especial e novamente busco em Antônio de Arruda dados para traçar-lhe o perfil:

“Ninguém levaria como ele tão sério as obrigações sociais; datas natalícias de amigos, colegas e confrades, momentos de alegria e de dor, tudo era motivo para as suas expansões oportunas e cordiais...”

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Como Presidente desta Academia Mato-grossense de Letras e orador perpétuo do Instituto Histórico de Mato Grosso do qual foi também Membro Fundador em 1918.

José de Mesquita falou sobre esta Casa Barão de Melgaço, em 1930, quando foi doado pelo Governo do Estado, para todo o sempre nela funcionar estas duas, sem dúvida, mais importantes entidades culturais de Mato-Grosso:

“Mais nobre, mais coerente finalidade lhe não poderia ser dada. Que lhe seja, pois, doravante, o seio fagueiro da intelectualidade patricia, o remanso sereno onde, ao abrigo das procelas que se agitam no torvelim das paixões, possam expandir-se em fecunda atividade criadora, os pendores humanitários da ciência e as puras elocubrações do sonho!”

JOSÉ DE MESQUITA passou quatro décadas de sua vida, fazendo pesquisas em arquivos públicos e eclesiásticos, decifrando cartas régias e documentos coloniais, estudando processos criminais, inventários ou sesmarias, lendo as memórias das viagens setecentistas ou relatórios provinciais, folheando velhíssimos livros de batismo do registro de necrópoles, de onde desencava fatos históricos esquecidos e personagens ainda estudantes de vida, para reuni-los sob a epígrafe *“Gente e Coisas de Antanho”*. Publicados inicialmente em jornais cuiabanos e depois nas revistas da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, no período de 1925 a 1954, foram reeditados pela Prefeitura da Capital em 1985, quando era prefeito, o agora Deputado Federal, Dr. Manoel Antônio Rodrigues Palma, sob a coordenação do historiador Carlos Rosa.

Nestas exaustivas excursões aos poeirentos alfarrábios, levantou a origem das principais famílias daqui e a dos aristocráticos barões e seus descendentes, deixando para a posteridade, as sempre consultadas obras, Genealogia Cuiabana e Nobiliarquia Mato-grossense.

Grande orador; seus discursos são lembrados como verdadeiras peças literárias de valor imperecível, como o que disse em Campo Grande ao paraninfar uma turma de normalistas. Publicado em 1940, esse discurso de José de Mesquita, poderia ter sido repetido neste último domingo, Dia Internacional da Mulher, dia que há 50 anos não era comemorado. Lerei apenas dois parágrafos:

“O século XX é o século da Mulher. Nunca gozou de maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe pesaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importa, paralelamente, no investimento de mais graves deveres”.

“O homem sempre se outorgou, egoisticamente todos os direitos, dando à mulher, na comunhão do lar, tão somente as obrigações. A mulher moderna é colaboradora do seu companheiro. Trabalha e lida, atira-se como ele ao vórtice da vida, e sofre junto dele, nessa luta áspera que é a existência, luta na sua essência, no seu desenvolvimento e na sua finalidade. Mas para isso há que entrar blindada do aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua coragem e inteligência e, ao mesmo tempo, aureolada como as madonas da nossa crença, desse elo sobrenatural da Virtude - que é força, e da Graça -, que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo”.

E quanta delicadeza, quanto respeito, quanto bem querer deixa transparecer o poeta, quando fala sobre a Mulher e, se às vezes vai além, às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a sensualidade que se evola dos seus poemas e sonetos não avilta nunca a imagem feminina, pois que o seu sentimento é grande, é verdadeiramente cósmico e é assim que ele vê a Musa Amada:

“Na Canção da Inquieta Procura”:

*“Tu me esperaste ...
E quando eu vim de todas essas distâncias
No tempo e no espaço,
dos longes do Passado, dos combates ásperos
com monstros, feras, dragões e gnomos,
vendo-me vencedor de todas as batalhas,
Bandeirante, Cavalheiro, Herói, Marujo ou Cruzado.
Tu, que me esperavas,
Não olhaste as pedras, o ouro, as láureas e os troféus...
Abriste-me apenas,
Num gesto manso e bom, suave e enternecido,
Teus braços que me esperavam
E me estreitaste docemente de encontro à tua alma... “*

É também o poeta ecológico que canta as belezas naturais de sua terra e que conhece os meandros das suas serras e paredões, da chuva e do vento e que ao ouvir o murmúrio das águas, diz ao rio Coxipó:

*“Vi-te a nascente, a linfa clara e pura,
e o curso cheio sinuosidade
te acompanhei, no serro ou na planura
cheio de graça ou de impetuosidade!*

E à cachoeira:

*“E eis que tombas, da alta serra,
mostrando aos que o cair, assombra e aterra
que até na queda pode haver grandeza.”*

E à uma ave do Pantanal:

*“Sob o céu rosicler, na manhã cor de rosa
Passa, ruflando no ar, suas alas rosadas,
o róseo colhereiro, a voar sobre a barrosa
e plácida extensão das imensas aguadas”.*

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

E comovido fala para uma árvore centenária:

*“Mas eu te quero mais e te amo quando,
na tristeza das tardes de janeiro,
te vejo as folhas secas revoando
ao vento frio, oh velho tarumeiro!”*

Ligado desde seus tempos de estudante a instituições culturais de São Paulo, como ao Clube Minerva, ao Grêmio Olavo Bilac e ao Grêmio “Onze de Agosto” continuaria, JOSÉ DE MESQUITA, a manter estreito relacionamento com a intelectualidade paulista, por toda a vida, sendo membro atuante do Instituto Heráldico e Genealógico de São Paulo e da Academia de Ciências e Letras de São Paulo. Em Campinas era membro do Centro de Ciências Letras e Artes e do Centro de Cultura Intelectual.

No Maranhão era membro da Casa Humberto de Campos e no Estado do Espírito Santo, do Grêmio Literário Rui Barbosa, do Centro de Cultura Humberto de Campos, do Círculo dos Amigos de Marden e do Grêmio Literário Euclides da Cunha.

Correspondia-se e fazia parte, no Pará, da Academia Paraense de Letras e no Rio Grande do Sul era membro do Instituto Rio-Grandense de Letras, do Círculo Rio-grandense de Difusão Literária e da Academia Rio-Grandense de Letras.

Em Minas, era correspondente da Academia Mineira de Letras, no Ceará, do Instituto do Ceará e, no Rio, era membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Pedro II.

Em seu Estado natal, JOSÉ DE MESQUITA foi do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, seu sócio fundador e orador perpétuo; da Academia Mato-Grossense de Letras, também, sócio e seu presidente desde sua fundação em 1921 até sua morte em 1961- por quarenta anos, onde ocupava a cadeira nº 19, cujo patrono é o inolvidável presidente provincial e escritor Gal. Couto Magalhães.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Era também sócio benemérito da Sociedade Literária Rui Barbosa e do Grêmio Castro Alves, ambas em Cuiabá. De Guiratinga, era membro efetivo do Intercâmbio Cultural.

Além desses, era JOSÉ DE MESQUITA, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Genealógico Brasileiro e da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Suas atividades epistolares e culturais estendiam-se ao exterior, como, por exemplo, nos Estados Unidos, era membro honorário do International Institut of American Ideals, de Los Angeles e, na Europa, era Comendador da Grand Prix Humanitaire de Belgique, em Bruxelas.

Na América do Sul, era sócio honorário, na Argentina, do Instituto de La Cultura Americana e, no Uruguai, membro correspondente do Confraternite Universelle Balzacienne, cuja sede era em Montevideú.

UM POUCO DA EXTENSA BIBLIOGRAFIA MESQUITIANA

Por três décadas, a literatura de Mato Grosso, foi enriquecida com sete livros de poemas de JOSÉ DE MESQUITA:

POESIAS	1919
TERRA DO BERÇO	1927
EPOPEIA MATO-GROSSENSE	1930
TRÊS POEMAS DA SAUDADE	1943
ESCADA DE JACÓ (sonetos)	1945
ROTEIRO DA FELICIDADE	1946
OS POEMAS DO GUAPORÉ	1949

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Constam, também, de sua bibliografia:

UM PALADINO DO NACIONALISMO	1929
O TAUMATURGO DO SERTÃO	1931
O ATENTADO CONTRA A JUSTIÇA	1932
O SENTIDO DA LITERATURA MATO-GROSSENSE	1937
PELA BOA CAUSA	1937
RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA	1937
O SENTIDO DA BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO	1939
NOS JARDINS DE SÃO JOÃO BOSCO	1941
O EXÉRCITO, FATOR DE BRASILIDADE	1941
A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS	1941
BIBLIOGRAFIA MATO-GROSSENSE	1941
AS NECRÓPOLES CUIABANAS	1941

E sobre a MULHER:

O CATOLICISMO E A MULHER	1921
SEMEADORAS DO FUTURO	1930
DE LÍVIA A DONA CARMO	1939
PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO	1940

Colaborador assíduo da imprensa mato-grossense, suas crônicas, artigos ou poesias, eram estampados pelos jornais “O Povo”, “O Mato Grosso”, o “Correio do Estado”, o “Correio Mato-grossense”, “O Democrata”, “A Cruz”, jornal da Arquidiocese que dirigiu por mais de 20 anos, “O Estado de Mato Grosso”, este, enriquecido com as famosas Crônicas Domingueiras.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Seus trabalhos podem também ser encontrados pelos pesquisadores da literatura mato-grossense em revistas como hoje extinta “*O Cruzeiro*”, de Cuiabá, “*A Revista da Academia Mato-grossense de Letras*”, a “*Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*” e os Anais Forenses que fundou e dirigiu por muitos anos.

Escrevia também para a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo e para a Revista do Brasil e a Revista Nova, ambas também de São Paulo. No Rio de Janeiro sua produção era publicada pelo “*O Malho*”, pela “*Ilustração Brasileira*” pela “*Aspectos e Cultura Política*”, e pela Revista das Academias de Letras. Em Campo Grande, na Revista “*Civilização*”.

Em agosto de 1940, JOSÉ DE MESQUITA apresentou ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, “*A Chapada Cuiabana*”, ensaio que focaliza as condições sócio-econômicas do grande planalto mato-grossense. Este importante trabalho foi reeditado em 1977, pela Fundação de Mato Grosso, graças à sensibilidade do seu então presidente, o insigne historiador, Dr. Lenine de Campos Póvoas.

Aliás sobre a Chapada, JOSÉ DE MESQUITA publicou na Revista do HIMT, volume XXV, uma monografia intitulada “*Grandeza e Decadência da Serra-Acima*”.

Mestre na arte do conto, retratava através deles, os costumes e as letras de nossa terra, com grande realidade e fino humor. Publicou em 1928, “*A Cavalhada*” em 1932 “*Espelho d'Almas*” coletânea premiada pela Academia Brasileira de Letras e, em 1942, sai a lume “*No tempo da Cadeirinha*”. Publicou o romance “*Piedade*” e em 1958, concluiu “*Imagem de Jaci*”, também romance, entretanto inédito.

E por fim, destacamos as biografias de personalidades históricas, escritas ora através de discursos, ora de ensaios, como os de João Poupino Caldas, Antônio da Costa, Caetano Manoel Faria e Albuquerque, Manoel Alves Ribeiro, Couto de Magalhães, Frei José Maria Macerata e outros ainda, que encontram-se dispersos nas revistas e jornais já citados.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

José de Mesquita foi condecorado, em 1933, pelo Papa Pio XI, com a comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados a Ação Católica.

Em 1936, representou o Tribunal de Justiça, no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

No mesmo ano, representou a Academia Mato-grossense de Letras, no 1º Congresso das Academias Brasileiras e, em 1938, representou o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no Congresso Histórico Nacional.

Em 1960, recebeu a medalha de pacificador, do Ministério da Guerra, pelos serviços prestados à Pátria.

Faleceu nesta capital a 22 de junho de 1961 e dele disse, em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Dr. Virgílio Corrêa Filho:

“Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resoluta de bem servir à coletividade, a que se irradiava a sua simpatia envolvente.”

Há alguns anos um dos filhos de José de Mesquita, o também jurista, Dr. Fernando de Mesquita, ofereceu-me o cópia de um documento inédito, escrito talvez num momento de comunhão com Deus e que foi por ele lido, quando o governador Cássio Leite de Barros inaugurou, no Palácio da Justiça, o busto do inesquecível Desembargador, concretizando no bronze a idéia lançada pelos doutores: Luis-Felipe Pereira Leite e Gervásio Leite e Rubens de Mendonça.

Esse depoimento, intitulado “*Confissões*”, comoveu a todos os presentes e ao mundo intelectual cuiabano, pois de todos era desconhecido, mesmo dos amigos mais íntimos, mesmo dos parentes mais próximos.

Peço permissão à família Mesquita para lê-lo:

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO **CONFISSÕES**

“Vou-me de contas pagas vida. Capital e juros. Pago e satisfeito. Que mais queria eu? Tive tudo. Perdi cedo o meu pai, mas tive quatro mães carinhosas. Minha mãe e três tias; uma destas, professora, que me ensinou com carinho maternal.

Recursos nem pouco para passar privações, nem tanto que me envaidecesse ou levasse a pândega. Em tudo moderado, abastado, meio termo.

Cedo me formei, bacharelado em Letras aos 15 anos e em Direito aos 21. Fiz todo o meu curso sem reprovação, com algumas distinções. Nunca tive atrito com um mestre, posto jamais os adulasse.

Gozei muita saúde. Nunca tive doenças dessas que a gente se vexa. Nunca joguei a dinheiro, nem me embriaguei. Não tive amásias. Casei-me cedo, que ainda é melhor. Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e de alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude. Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: gozei a vida em toda sua essência, do amor o capítulo sumo, na expressão de Bilac.

Feliz na carreira. Alcancei o pináculo aos vinte e nove anos, nomeado desembargador, sem que jamais fosse preciso agachar-me para galgar as posições.

Feliz com os filhos. Todos são fortes e sadios. Passei pela dor de perder três deles, que reputo, entretanto, uma felicidade para eles.

Nas letras, enquanto não conseguisse até agora o que sempre almejei quando moço, fui além do que devia esperar. Nunca tive grandes decepções, nem fui jamais desastrado por amor à literatura. Ao contrário, os meus trabalhos sempre mereceram boas referências dos mestres. Tenho conseguido tudo sem jamais perder a fé, minha força e a esperança, meu sustento.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Os meus maiores prazeres na vida - o convívio com a família, as leituras e as viagens, tenho conseguido realizar plenamente.

Nunca pratiquei uma indignidade de que tenha que me envergonhar diante do meu ego sum. Encontrei na segunda mulher uma irmã gêmea da primeira. Não tenho inimigos. Não guardo ódios nem ressentimentos, pois cultivei sempre a ventura suprema de saber perdoar sem, todavia, esquecer as ofensas.

E, por isso tudo e por não me ter faltado a Graça de Deus, julgo-me feliz, por ter vivido e, sereno, se a morte, a qualquer momento, me quiser... “

Senhores: esse foi o grande vulto que hoje festejamos nesta comemoração, à qual com profunda emoção me associei.

Procuramos manter bem viva e gloriosa, essa figura ilustre que engrandeceu nossa terra, esse grande bardo mato-grossense, esse gigante talentoso que brilhou em tão variadas formas literárias.

Saúdo, enfim, o nobre JOSÉ DE MESQUITA, com os olhos úmidos de emoção, vendo nele a imperecível beleza dos vultos imortais de nossa pátria, que lampejam para sempre em nossa terra livre e pujante de brasilidade!

E quero encerrar com estes versos, lema da própria vida de José de Mesquita:

“Vive

Como se cada dia

fosse o primeiro de uma vida nova

- da tua vida, construtiva e boa

mas vive, igualmente

como se todo o dia

fosse o final da tua vida,

o último dia aproveitado

para fazer o bem, embora apenas colhas

ingratidões, aleives e injúrias!”